

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Nilce C. Muniz Barretto

**Reinventar a escola – da transmissão passiva a uma  
experiência singular**

São Paulo  
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Nilce C. Muniz Barretto

**Reinventar a escola – da transmissão passiva a uma  
experiência singular**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Fundamentos de uma Educação para o Pensar, da PUC-SP/COGEAE, sob orientação da Profa. Dra. Sonia Aparecida Ignacio Silva.

São Paulo  
2011

## Dedicatória

Ao meu pai  
Cid Muniz Barretto  
*(in memoriam)*

## Agradecimentos

Às amigas e educadoras em Ubatuba,  
Andrea, Gabi e Néia

Ao mestre educador de Portugal,  
José Pacheco

Aos educadores da pós-graduação da PUC-SP,  
Claudia, Guilherme, Liliana, Lorieri e Priscilla

À minha professora de graduação, nos anos 80, e orientadora na Pós,  
Sonia

À minha família mais próxima,  
Denise, Matteus e Terezinha

À família espiritual,  
“Caminheiros do Amor”

E à equipe do I.E.E.F. na figura da presidente,  
Astrid

Os professores ideais são os que se fazem de pontes,  
que convidam os alunos a atravessarem,  
e depois, tendo facilitado a travessia,  
desmoram-nas com prazer,  
encorajando-os a criarem as suas próprias pontes.

Nikos Kazantzakis

## **RESUMO**

Este trabalho busca elucidar até que ponto é necessário haver salas de aulas nas escolas. O estudo procurou, através de pesquisa qualitativa e bibliográfica, refletir sobre a experiência da Escola da Ponte, de Portugal, e sua influência na alteração das organizações escolares questionando os costumes tradicionais educativos. Investigou-se, assim, o modelo educacional português tendo por perspectiva o conjunto de princípios, regras e metodologia que dissiparam o padrão de escola pertencente à tradição. Neste sentido, compreende que a escola portuguesa se tornou o que é por se reorganizar diariamente em defesa de um plano de formação de estudantes cidadãos de maneira a torná-los autores de seus próprios destinos. Assim, entende que a instituição escolar que não possui projeto ou que possui, porém não o preserva das demandas burocráticas, não é proprietária de si, pois se verga às convicções estandardizadas, em prejuízo dos proveitos da sua sociedade. Examina, ainda, em que aspecto o reconhecimento de cada aluno é exclusivo a ponto de determinar que a gestão do currículo seja realizada de modo personalizado, de acordo com o ritmo de cada um, além de focar as atitudes e competências que se contam e venham a ser exercidas. Além de tomar conhecimento dos conteúdos em seu ritmo particular, os aprendizes gozam de liberdade pessoal, desempenham os deveres e os direitos, todos determinados e, conjuntamente, anotados. A pesquisa mostra também a primeira escola brasileira, em São Paulo, a EMEF Amorim Lima, a quebrar com o modo convencional de salas de aulas e a instituir grandes espaços de estudos onde as crianças e os jovens de variadas idades, acompanhados de diversos educadores, encontram maneiras originais de trabalhar com os ensinamentos, de se fazer relações, de adquirir decisão e autonomia manifestando compromissos coletivamente. No percurso do trabalho trata das resistências que entremeiam as escolas, os paradoxos dos discursos e das teorias propagadas incompatíveis com a realidade vigente, advogando a causa da Escola da Ponte ao gerar um projeto democrático e emancipador. Com o estudo concluiu-se que é possível recriar o paradigma de escola, transformando os espaços de ensino em ambientes de prazer e alegria onde o educando seja respeitado no seu processo de desenvolvimento e o professor reconheça os pormenores desse processo, visto que a relação docente-discente é o fundamento principal para o absoluto desenvolvimento. Por fim, considera-se que a filosofia do projeto Fazer a Ponte encaminha a uma aprendizagem na cidadania.

**Palavras-chave:** Escola da Ponte, autonomia, sala de aula, ensino, projeto emancipador.

## **ABSTRACT**

The intent of the current paper is to elucidate to what extent classrooms are needed in schools. Through a qualitative and bibliographic research, this study sought to reflect on the experience of Escola da Ponte, Portugal, and its influence on the schools organization changes, questioning traditional educational practices. Thus, the Portuguese educational pattern was analyzed, having as perspective the group of principles, rules and methodology that dissipated the traditional school standards. In this sense, it is understandable that the Portuguese school became what it is due to the daily reorganization that defends a plan for the educational training of students-citizens so that they become authors of their own destinies. So, it is understood that the school institution that does not have a project or that has it, but doesn't preserve it from bureaucratic demands, is not proprietor of itself, for it tends to standardize convictions while damaging the profit of its society. It also examines in which aspect the recognition of each student is exclusive to the point that the curriculum management is accomplished in a personalized way, according to individual rhythm, and focus on the attitudes, skills and needs. This way, students can acknowledge the contents in its particular rhythm, take profit of personal freedom, perform their tasks and exercise their rights, all determined and together. The research even shows the first school in São Paulo, EMEF Amarin Lima, which rejects the conventional classroom ways and establishes large study places where children and teenagers of several ages, along with several educators, find original ways to deal with learning, establish relationships, acquire decision making and autonomy while expressing their commitment with the group. The course of the study shows the resistance that goes along with schools, the paradoxes in discourse and theories that are spread but, at the same time, are incompatible with the current reality. These advocate the case for Escola da Ponte by becoming a democratic and emancipated project. It is concluded that it is possible to recreate the paradigm of the school, transforming learning spaces into pleasurable and happy environments where students are respected in their development process and the teacher recognizes the details in this process, taking into consideration that the teacher/student relationship is the main foundation for development. Finally, the philosophy of the project Fazer a Ponte leads to learning in citizenship.

**Keywords:** Escola da Ponte, autonomy, classroom, teaching, emancipating project.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 – DO LADO DE LÁ	15
1. 1 - Água e Educação	16
1. 2 - Formação de um perfil	18
1. 3 - Para haver a mudança externa, primeiro, é necessário haver a mudança interna.	21
1. 4 - A ruptura	24
1. 5 - Projeto: cultura de solidariedade	27
1. 6 - Os liames	30
1. 7 - A prática	32
CAPÍTULO 2 – DO LADO DE CÁ	35
2. 1 - Águas passadas e Ensino	36
2. 2 - Reeducação de uma cultura	38
2. 3 - Formar a inteligência, o coração e o espírito é solidarizar-se eticamente	42
2. 4 - A construção	46
2. 5 - Gestão: prática solidária	50
CAPÍTULO 3 – A PASSAGEM	52
3. 1 - A transição	54
3. 2 - Precursor brasileiro	56
3. 3 - “Eterna novidade no mundo”	58
3. 4 - Seguimento e renovação	60
3. 5 - É tempo de travessia	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	71

## Introdução

A presente monografia tem como título “Reinventar a escola – da transmissão passiva a uma experiência singular”, e ao dar ênfase a essência do trabalho, procura-se dar o devido apreço às instituições escolares que têm transformado a prática educativa numa relação mais significativa, principalmente, para o discente.

O presente trabalho decorre de pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória, desenvolvida numa perspectiva fenomenológica.

Há certos caminhos que, sutilmente, se aproximam de nós, inicialmente, sem nos darmos conta do percurso que iremos percorrer, no futuro. Assim, foi o ouvir falar da escola da Ponte, na década de noventa, do século passado, sem sequer supor o que significava tal instituição e o que havia de especial nela para ser mencionada como referência de modelo educacional. Eram muito vagas as colocações sobre a mesma que raramente suscitavam em reuniões pedagógicas à beira da praia, especificamente, em Ubatuba onde lecionei durante quinze anos.

Naquele tempo encontrava-me muito distante de aproximar-me de tal novidade, visto que estava totalmente envolvida – como sempre fico em cada etapa em que estou – no aprender a ensinar numa abordagem sócio-construtivista. Já havia antes experienciado alfabetizar na linha tradicional, aqui em São Paulo, e na forma analítico-sintética, lá no litoral norte. Posteriormente, atuei numa escola considerada conteúdista por adotar o método apostilado – aula número trinta e sete a ser dada na décima segunda semana.

Mas de todas as experiências, tira-se algo proveitosos. Levo comigo a autonomia em todos esses espaços por ter tido a abertura de criar projetos com os alunos, com cada classe, diferente umas das outras, de introduzir e permear práticas alternativas, como por exemplo, para mencionar apenas um, lecionava aulas de Literatura e Filosofia ao Ensino Médio em salas específicas nas quais os alunos para lá se dirigiam e sentavam-se em semicírculos, uns voltados aos olhares dos outros, saindo da posição de fileiras, onde quem está atrás só enxerga a nuca e as costas de quem está à frente.

No começo do século vinte e um, lembro de certa vez chegar às minhas mãos um caderno especial de um jornal com uma reportagem sobre uma escola em São Paulo, EMEF Amorim Lima, que havia derrubado salas e paredes, inspirada na Escola da Ponte, em Portugal. Era a primeira vez que algo concreto, palpável surgia defronte ao meu desconhecimento para eu poder entender que havia uma escola num outro continente onde se ensinava de forma diferente, sem séries, classes e demais grilhões. Mal podia alegar hipoteticamente que, passados dez anos, teria a feliz oportunidade de conhecer a simpática e motivada diretora, Ana Elisa Siqueira.

Decorreram-se as décadas. Tal qual o salmão que volta às suas origens para desovar, retornei às raízes paulistanas, especificamente, aos mesmos bancos universitários de onde me graduei nos anos de 1980 para capacitar-me, desta vez, no curso de pós-graduação *Lato sensu*, Fundamentos de uma Educação para o Pensar.

Desde o 'descortinamento' de uma 'ponte' que me atraiu como convite a transpô-la tenho caminhado em busca dessa transição, como, igualmente, desse porvir. Conhecer e ouvir, pessoalmente, o professor José Pacheco, em julho de 2009, narrando sobre o *modus operandi* da Escola da Ponte representou, para mim, a sombra sob um sol escaldante, o refrigerio de uma batalha extenuante. Tornou a ascender, em mim, a esperança de um outro protótipo, a possibilidade mais direta de um novo contexto transitável.

Às margens da praia Iperoig, em Ubatuba, São Paulo, no 1º Congresso Nacional de Educação, foi o local propício para eu dar ouvidos, enquanto pisciana-educadora, ao chamamento para perscrutar outros mares.

Escuto-o. Identifico-o como um marlim-azul. Se fosse um pássaro, inevitável seria compará-lo com Fernão Capelo Gaivota - romance alegórico, de Richard Bach, sobre a importância de se descobrir desígnios mais nobres para a vida; uma metáfora sobre crer nos próprios sonhos e procurar o que se almeja, mesmo quando tudo parece tramar contra.

Estou pormenorizando esses detalhes para apresentar que tal tema não é algo que obstinadamente persegui, pelo contrário, paulatinamente, o ribeirão, a vida foi me conduzindo a esse rumo. E, também, por mais que eu tenha escutado o professor Pacheco, tenha lido todos os livros dele e assistido na

internet tudo o que se refere aquela escola nem sequer cheguei perto daquela realidade.

Um fato é supor, imaginar uma situação, outra totalmente oposta é estar diante, presenciar o que existe, efetivamente. Por mais até que se tenha acompanhado à distância, pelas filmagens, o cotidiano daquela escola não há como se comparar ao que, de fato, se testemunha *in loco*.

Por junções de águas e de rotas, dantes impensadas, despontou a oportunidade de conhecer a Escola da Ponte. Não há nada de grandioso e pirotécnico naquele espaço. Como escreveu Antoine de Saint-Exupéry: o essencial é invisível aos olhos. Contudo, por mais que se tente explicar, a linguagem é pobre no vocabulário para descrever a riqueza das relações, da solidariedade, do respeito e da autonomia daquelas crianças e adolescentes de uma pequena e simples escola pública.

Há águas e fontes. Um, é beber a água. Outro é beber da fonte. Um, é ouvir falar, ser ouvinte, estar na condição passiva de receber informações, interpretações, revelações de terceiros. Outro é vivenciar, acompanhar, presenciar as dinâmicas, ao vivo, o dia-a-dia da escola.

Por mais que tenha sido preparada para o que ia encontrar sabendo, de antemão, que eram os próprios alunos que apresentam a escola aos visitantes, que há três núcleos de ensino – iniciação, consolidação e aprofundamento, além, da turma específica de alfabetização – que os professores atuam junto aos alunos, conhecer de perto isso e muito mais me afetou, singularmente.

Confesso que presenciar o cotidiano envergonhava-me, ao lembrar da minha postura como educadora. Apesar de que, aparentemente, não havia o porquê de tal constrangimento, já que o que eu, anteriormente, fazia era normal, o mesmo que os demais colegas faziam.

Recebia uma aula cívica ao ver e ouvir o modo como os educadores de lá se portavam. Todos trabalhando juntos. Todos adultos com todos os alunos. Um falar baixo entre si, um cochichar permitido. Nada de gritos ou reprimendas em voz alta. É um chamar a atenção, falando e explicando o porquê da advertência ou da conduta inadequada, inclusive entre os próprios estudantes. Dessa maneira os alunos aprendem a se tratar como iguais, com respeito, sem competições ou rivalidades.

É um pedir a vez para falar em que até os adultos respeitam e valorizam a vez de quem está a falar. Revêem suas atitudes, corrigindo-as, se necessário, diante dos pequenos.

Indubitavelmente, variados jeitos de se ensinar se introduzem sutilmente à realidade brasileira apesar daqueles que até então se negam a crer. Ensinar não se restringe somente a transmitir conteúdos, e sim a motivar a progressão de capacidades e métodos de pensar reflexivamente e de agir, trabalhando, por exemplo, com assuntos temáticos sem ser com todos os estudantes ao mesmo tempo, a não ser quando for necessário e viável.

Esta pesquisa partiu da seguinte questão: Até que ponto é necessário sala de aula nas escolas?

Comumente, enquanto aprendizes de um sistema escolar, fomos preparados a aprender de um único modo como os professores cogitavam que estava certo e que assim funcionava. Predomina ainda nas instituições escolares a divisão por alunos com a mesma faixa etária, agrupados em algumas dezenas de cabeças por sala, com professores 'dando aulas' a ilusórias classes homogêneas, ensinando a todos como se fossem um apenas.

Utiliza-se como pretexto a fastidiosa expressão que em todo o tempo assim aconteceu e do mesmo modo constantemente acontecerá. É infundada tal proposição, porquanto se em todo o tempo assim aconteceu, do mesmo modo poderá não ser. A negação de mudança provém da rejeição de enxergar e de pensar com criticidade e profundidade.

Urge examinar os costumes antigos de uma escola fechada e alheia às mudanças que conserva os inscritos reunidos por semelhanças de idade criando a sala de aula por ano de estudo como se o período para aprender fosse idêntico para todos os indivíduos, e ainda com a resolução do educador sobre como e quando serão avaliados.

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi discutir propostas pedagógicas dirigidas para a construção de um novo paradigma de desenvolvimento humano no âmbito escolar.

Desta forma, pretendeu-se engendrar uma reflexão crítica sobre a experiência da Escola da Ponte, de Portugal, um fenómeno de estabelecimento assaz efetivo que oferece dados muito notáveis no modo de criação pedagógica, de comunidade e administração.

Igualmente buscou-se identificar algumas práticas pedagógicas brasileiras, sem salas de aula, sem séries, cujo sistema de ensino e aprendizado é centrado em pequenos grupos, no ritmo de cada criança e jovem. .

E ainda, procurou-se analisar a dicotomia em educação a respeito de certos princípios de procedimentos de ensino, de um lado, antiqüíssimos e, de outro, renovadores.

Para desenvolver o referido tema de pesquisa foi importante destacar a figura ímpar do professor José Pacheco, autor de livros e diversos artigos sobre educação - *Quando eu for grande quero ir à primavera e outras histórias* (2003); *Sozinhos na escola* (2003); *Para Alice, com amor* (2004); *Escola da Ponte – um outro caminho para a educação* (2004); *Para os filhos dos filhos dos nossos filhos* (2006); *Caminhos para a inclusão* (2007); *Escola da Ponte – formação e transformação da educação* (2008); *Pequeno dicionário de absurdos em educação* (2009); *Pequeno dicionário das utopias da educação* (2009) – por ter rompido com o modelo de estrutura e funcionamento predominante do que se entende por escola, tornando real um estabelecimento de ensino-aprendizagem fora das normas tradicionais. Ele, por sua vez, costuma afirmar que o modo de proceder da Escola da Ponte é de várias fontes, que tem crédito de múltiplas contribuições teóricas. Desse modo, nesta investigação não se prescindiu de outros teóricos por focar-se numa experiência reconfigurada de aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano.

Na Escola da Ponte, como em outros lugares, será indispensável, alterar a organização das escolas, interrogar práticas educativas dominantes. É urgente interferir humanamente no íntimo das comunidades humanas, questionar convicções e, fraternalmente, incomodar os acomodados. (PACHECO, 2008, p. 13).

Ricardo Semler, idealizador da escola Lumiar, reuniu-se ao jornalista Gilberto Dimenstein e ao pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa no livro *Escola sem sala de aula* (2004) no qual tratam bem essa questão de reconsiderar o modelo obsoleto de velhas práticas de ensino que geram exclusão, abandono e infelicidade.

Por que estamos repetindo um processo de educação que todos nós sabemos (pois passamos por ele) que é altamente duvidoso, de pouca retenção e de um resíduo de pouca utilidade para o resto da vida? (SEMLER, 2004, p. 49).

Rosely Sayão, consultora educacional, em parceria com o professor Julio Groppa Aquino, no livro *Em defesa da escola* (2004), abordam pontos relevantes do meio pertinente à educação.

[...] deparei com uma escola democrática [da Ponte], em que há lugares sociais diferentes e o lugar docente é ocupado com ética e maestria, com responsabilidade e, principalmente, compromisso dos professores. (SAYÃO e AQUINO, 2004, p. 115).

Considero necessário salientar ainda o educador Rubem Alves que ‘revelou’ ao Brasil a Escola da Ponte com as publicações em favor da mesma num dos jornais do país que ainda traz sérias discussões sobre educação.

Escola da Ponte: um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciando o fim de uma disciplina e o início de outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes ao companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. (ALVES, 2001, p. 67).

Sendo assim, no primeiro capítulo teve-se o propósito de desenvolver uma retrospectiva da Escola da Ponte, na Vila das Aves, em Portugal, reconhecida pelo seu projeto educativo *sui generis*, idealizada e organizada, ao longo de trinta anos, pelo professor José Pacheco, um educador que assumiu compromisso com o projeto “Fazer a Ponte”.

O segundo capítulo tem a intenção de estabelecer um exame das práticas educativas brasileiras, através de livros e material disponibilizado pela internet, que anunciam um ensino sem paredes, sem classes e sem divisões estagnadas de todo tipo, no que diz respeito à grade curricular ou a qualquer fragmentação de assunto no pensamento reflexivo e construtivo de saberes do educando em desenvolvimento.

O terceiro capítulo tem como fim engendrar uma reflexão acerca dos preceitos pedagógicos que têm alicerçado uma maneira de suceder inovadora

iniciada em uma das 'extremidades da ponte', em Portugal, até a outra ponta, no Brasil, buscando nesse trajeto transpor os 'obstáculos' – dogmas cristalizados – de uma educação arcaica dominadora.

## Capítulo 1 - Do lado de lá

Do lado de lá do oceano Atlântico, há meio milênio, alguns desbravadores lusitanos ousaram aventurar-se mar afora em busca de um caminho alternativo para as Índias reduzindo os custos por terra, pela Ásia, e também em apropriar-se exclusivamente das relações de negócio das especiarias.

Tempo auge da expansão ultramarina portuguesa. À oeste, o caminho das Índias descoberto. Iguarias inúmeras temperando ambas as culturas como igualmente oferecendo ingredientes, inspirações, motes aos versos e prosas escritos pelos vastos poetas, cantores e estudiosos desses dois continentes. À leste, Terra de Vera Cruz encontrada. Na carta de Pero Vaz de Caminha ao el-rei D. Manuel, em 1500, sobre o Brasil deparam-se descrições detalhadas de uma terra exuberante, farta, repleta de cores e tonalidades nunca antes vistas. Fauna e flora encantadoras e deslumbrantes.

Assim relatam as narrativas dos inúmeros pesquisadores e historiadores desde então sobre o contato com o novo. O choque, a comoção com o inesperado. A adaptação recíproca ao modelo diferente. A mudança, indubitável, aos novos valores e paradigmas provenientes do outro.

Posteriormente, as trocas, as exportações e importações, a dominação, exploração, expulsão comandadas por poderosos, usurpadores e mercadores de riquezas naturais e de pessoas.

Períodos de baixas alternados com períodos de apogeu.

Aliás, comumente, a história de todos os povos é marcada pelos conflitos e contrastes de fases de lutas, flagelos e perseguições constatados com fases de grandes façanhas.

## 1.1 - Água e Educação

Decorridos cinco séculos, são os brasileiros que atravessam as fronteiras marítimas, dessa vez, por via aérea, em busca de um caminho alternativo para a educação na busca de diminuir a reprodução do modelo tradicional e também para apoderar-se das relações na prática de uma escola democrática.

Desde quando o educador, teólogo, psicanalista e escritor brasileiro Rubem Alves revelou ao Brasil, através de suas publicações semanais num dos jornais do país, compiladas num livro “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, a existência de uma escola democrática afluíram uma profusão de brasileiros a essa instituição. Especificamente educadores, uma média de três por dia, visitam a Escola EB nº 1 da Ponte, em Vila das Aves, no concelho<sup>1</sup> de Santo Tirso, situada a 40 quilômetros de Porto, em Portugal e a 20 quilômetros de Guimarães – “o berço da nação portuguesa” – cidade historicamente associada à fundação da nacionalidade e identidade portuguesa.

Vila das Aves. À primeira vista supõe tratar-se de uma referência aos seres alados que cruzam os ares.

Tal freguesia portuguesa é enlaçada pelos rios Ave e Vizella (diminutivo de “Avizella” que por sua vez, será o abrandamento de “avicela” (de Avicella, ou seja, o pequeno Ave)). “Aves”, no feminino, é uma latinização medieval dum vocábulo celta. “Aves”, não tem nada a ver com pássaros (avis. f, em latim), mas com “Avo”, étimo celta de significação hídrica: água, corrente, rio.<sup>2</sup>

---

1 Concelho (do latim *conciliu* -, «assembléia») é uma circunscrição administrativa inferior ao distrito, adotada em Portugal; é o município.

2 MIM, Portugal em. *Uma viagem no tempo... Vila das Aves*. 2011. Disponível em:

<http://lucy-natureza.blogspot.com/search/label/Vila%20das%20Aves>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Assim, na historiografia dos tempos atuais, depoimentos inúmeros em blogs e sites virtuais, escritos pelos vastos visitantes, educadores e estudiosos, desvendam uma outra realidade.

Já agora, diga-se que o nome AVES nada tem a ver com pássaros, mas antes com água, conforme sugere a sema AV, possivelmente celta, tão comum a outras terras portuguesas, onde a água constitui um elemento natural e característico.<sup>3</sup>

Abre-se um parêntese para comentar sobre essa substância natural e característica, tanto imprescindível ao fato de viver quanto ao ato ou efeito de educar.

Água, elemento líquido presente na constituição física humana, entre 70 e 75 %. Água, substância que compõe cerca de 70 % na maior parte da superfície desse minúsculo grão de areia chamado Terra – poderia se chamar planeta Água - na imensidão do Universo.

Água, em suas variações, seja rio ou mar, córrego ou igarapé, possui necessárias margens que, além de possibilitar que se faça o percurso de uma nascente até a sua foz, propicia a fertilidade de suas ‘orlas’ e ‘bordas’.

Numa analogia poderia comparar-se a educação com a água. Ambas indispensáveis à existência. Educação, desde a tenra idade constitui a formação intelectual, social e moral do ser humano. Como Eduardo Chaves expõe: “Educação, o *conditio sine qua non* da vida – vida no sentido pleno, vida que decorre da realização de um projeto de vida próprio.”<sup>4</sup> Educação, presente em todas as culturas, inserida em todos os povos como imprescindível ao desenvolvimento e ao progresso do país.

De acordo com relatório da UNESCO – órgão das Nações Unidas para educação, ciência e cultura – a educação ajuda a combater a pobreza e capacita as pessoas com o

---

3 DIAS, Geraldo. *Vila das Aves em livro Aberto*. Disponível em:

[http://www.geocaching.com/seek/cache\\_details.aspx?guid=3b035fbc-0236-4eec-9745-5ecf10a171cc](http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=3b035fbc-0236-4eec-9745-5ecf10a171cc)

Acesso em: 04 jan. 2011.

4 CHAVES, Eduardo. *Uma nova Educação*. Disponível em: <http://newed.net/>. Acesso em: 04 jan2011.

conhecimento, habilidades e a confiança que precisam para construir um futuro melhor.<sup>5</sup>

Educação, em suas abordagens, seja tradicional ou liberal, sócio-construtivista ou conteudista, possui notáveis fundamentos que, além de oferecer que se conclua o trajeto de uma educação infantil até o ensino médio, enriquece a produtividade de suas 'beiras' e 'ribanceiras'.

Bem acompanhado por Anísio, Eurípedes, Cecília, Darcy, Lourenço e outros educadores nascidos no Sul, o educador português imigrado Agostinho da Silva traduziu obras de educadores considerados "utópicos", para lançar sementes de renovação na educação que, ainda hoje, se faz no Brasil. Agostinho compreendeu, muito antes do tempo dos discursos de política educativa, que será pela Educação que os brasileiros (todos) hão de assumir a plena cidadania. (PACHECO, 2009, p. 17).

Em tal grau, sendo a educação uma das mais importantes maneiras de mudança moral da sociedade é indispensável repensar e reconsiderar o seu papel com as vastas modificações ocorridas no país que se refletem na esfera educacional.

## **1. 2 – Formação de um perfil**

Retomando, Vila das Aves - elevada a vila em 1955, sendo até aí conhecida como S. Miguel das Aves – foi um dos maiores centros de indústria têxtil portuguesa durante o século XX. Tempos áureos seguidos de tempos árdus.

---

5 CAPITAL, Carta. *A importância da educação*. Disponível em:

[www.cartacapital.com.br/sociedade/a-importancia-da-educacao](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-importancia-da-educacao). Acesso em: 04 jan. 2011.

Nos anos 1970, sua população era formada por praticamente trabalhadores da indústria têxtil. Nesse período, a Escola da Ponte, fixada num bairro de empregadores das fábricas, como descreve Pacheco (2009, p. 57): “era uma escola de deserdados.” Possuía crianças que se aproximavam umas das outras, bem próximas, mas falavam em voz muito alta como se estivessem muito afastadas. Segundo este autor, muitos alunos chegavam à escola sujos, com fome ou com excesso de vinho, com a cabeça cheia de preocupações e de... piolhos. As crianças que adentravam à escola com um sistema de idéias, padrões de comportamento e atitudes diferentes das que lá predominava eram desfavorecidas pela ausência de valoração de suas vivências socioculturais. Algumas delas levavam para a escola as dificuldades sociais dos bairros desprovidos onde moravam e solicitavam profundo cuidado, vigilância e cultivo no campo afetivo, emocional.

Em 1976, a Escola da Ponte defrontava-se com um complexo conjunto de problemas: o isolamento face à comunidade de contexto, o isolamento dos professores, a exclusão escolar e social de muitos alunos, a indisciplina generalizada e agressão a professores, a ausência de um verdadeiro projeto e de uma reflexão crítica das práticas. (PACHECO, 2008, p. 12).

Tal relato não difere muito dos recentes noticiários brasileiros. Pacheco (2009, p. 108) comenta: “Aconteceu na Europa, há 30 anos, em condições muito semelhantes às que encontro na minha errância pelas escolas do Brasil.” Por um lado, serve como análise para desmistificar que uma história bem conceituada não se dá sem conflitos, dificuldades e problemas. “Já se agrediu muito a Ponte por inveja. (Ibid, p. 48).” Por outro lado, serve como condição para que se extenue o modelo repetitivo copiado há décadas e reviste, procure uma saída, uma solução, uma ousada transgressão para tal situação.

Há trinta anos, a Escola da Ponte era um arquipélago de solidões. Os professores remetiam-se para o isolamento físico e psicológico, em espaços e tempos justapostos. Entregue a si próprios, encerrados no refúgio da sua sala, a sós com seus alunos, o seu método, os seus manuais, a sua falsa competência multidisciplinar, em horários diferentes dos de outros professores, como poderiam partilhar, comunicar, desenvolver um projeto comum? (PACHECO, 2008, p. 12 - 13).

Diante desse quadro, percebe-se que passado tantos anos, ainda o professor é exigido e cobrado em sua capacidade. Não que não deva, de fato, ser competente e profissional. Acontece que, na maioria das vezes, ele é visto como o sabedor, o transmissor, o educador e por tal deve saber fazer e portar-se com exímia maestria, sem demonstração de incerteza, dúvida e erro. Há uma significativa diferença entre acobertar ou fazer vista grossa a condutas e práticas inenarráveis, e outra preparar, habilitar e formar continuamente o professor. De que maneira? Pacheco (2008, p. 24) orienta: “De forma integral, seqüencial, por competência, por objetivos.”

A formação é meio e não fim em si mesma, não é para os professores. Estes são mediadores de formação em desenvolvimento, que passam da identificação e valorização do saber à sua partilha inseridos num sistema social em que detêm competências específicas. (PACHECO, 2008, p. 28).

É recorrente uma crítica que se o número de cursos, workshops e oficinas que, periodicamente, os professores praticam, no mínimo anualmente para alguns, a educação do nosso país apontaria outra realidade, mais promissora e efetiva. Por que a discrepância? Por mais que se busquem práticas inovadoras, perpetua-se o modo de ensinar tal como se aprendeu enquanto aluno. Pacheco (Idem, p. 10) alega: “Talvez porque se tenha esquecido que o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina.”

Preocupa-me que haja professores que não consigam ensinar. Mas me preocupa ainda mais o que ensinam. Ainda que de tal possam não ter consciência, transmitem valores. E, em virtude do seu sistema de crenças e valores, vão impregnando os alunos de solidariedade ou umbiguismo, de autonomia ou conformismo. Já dizia Jung que, por força desses desmandos, todos nascemos originais e morremos feitos cópias... (PACHECO, 2006, p. 46).

Pode-se conjecturar que há, sem dúvida, o interesse, o querer atualizar-se e renovar-se de alguns professores, contudo há os que freqüentam por obrigação ou pontuação e há ainda os que cumprem por mero reconhecimento,

por destaque no currículo. Pacheco (2008, p. 11) examina como crítico: “Se algum êxito estes programas tiveram foi o de reforçar o alheamento e a alienação de grande número de professores, mantendo-os como simples consumidores de formação.”

Enquanto muitos proferem, diante dessas reciclagens que já sabiam o que foi transmitido, que não aprenderam nada de novo, outros saem motivados, ou até meio desestruturados por dentro, apercebendo-se da necessidade de mudança. Pacheco (2006, p. 15) divulga: “No segredo das suas salas, há professores que não esperam, que recriam.”

Para estes, a formação transforma-se num processo de consciência do mundo e de elucidação do significado das relações interpessoais, com a instituição e com o saber, e traduz-se na não-dissociação do desenvolvimento profissional e do desenvolvimento pessoal. (PACHECO, 2008, p. 29).

Nesse campo de ação, o ponto de partida da formação pela reflexão em que as observações e opiniões dos educadores são apreciadas, examinadas e tratadas com respeito, afigura-se o rumo concebível para os intentos que se defende na educação para a cidadania, ainda que se tenham tantos outros problemas a defrontar nesse decurso.

### **1. 3 - Para haver a mudança externa, primeiro, é necessário haver a mudança interna.**

Não são todos que se dão conta de seus papéis de transmissores de conteúdos. Alguns, por comodidade, prendem-se aos modelos que sempre estiveram e estão acostumados a fazer. Outros, por miopia, não enxergam além dos muros, das paredes da escola, sequer cogitam questionar, pensar com criticidade. Pior, são os cegos que guiam outros cegos. Repetem como papagaios os velhos discursos de um tempo que já se foi.

Por via de um segundo emprego, ou por mera desmotivação, muitos docentes iniciam as suas carreiras como as acabam: a *dar aulas*, a corrigir testes, a debitar nota para uma pauta, a participar das rotinas de um Conselho Pedagógico, ou a excluir alunos em Conselhos Disciplinares. Não chegam sequer a conceber outro modo de ser professor. Não chegam sequer a imaginar o universo de saber e de saber-fazer a que poderiam ter acesso e que lhes teria permitido ultrapassar os limites do senso-comum pedagógico e a reprodução de práticas anacrônicas. Não chegam a perceber que para se fazer uma escola não basta juntar alunos, professores, funcionários, manuais e livros de ponto. (PACHECO, 2003, p. 78).

Mas no meio de todos, há os que desbravam, inovam novas rotas - como os audaciosos marinheiros portugueses há 500 anos - tal qual um arrojado e destemido educador, José Pacheco (2006, p. 54) que afirma: “Mudar só parece impossível para quem nunca tentou.”

A insurreição da Escola Básica Integrada São Tomé de Negrelos, instituição pública, conhecida como Escola da Ponte, iniciou em 1976. Nesse período, a violência nas escolas era exorbitante. Alunos sem motivação, ofensores, insensíveis, uma desordem geral. Sob a batuta e a direção do especialista em Música e em Leitura e Escrita, José Francisco de Almeida Pacheco, em comunhão com os pais, professores e alunos, principiou-se a Revolução Pedagógica que derrubou o sistema tradicional daquela instituição. Uma longa temporada de dificuldades e, muito posteriormente, a merecida temporada de reconhecimento.

Naqueles tempos a proposta era demasiada revolucionária e futurista. “São as pessoas que fazem as instituições e que as... desfazem” (Ibid, p. 21). O professor José Pacheco era tido como “louco” e, por isso, diversas portas se negaram a recebê-lo.

O que são “deficiência” e “normalidade”? A resposta é conforme os olhos que vêem. Ser louco é “normalidade” num mundo ao contrário. Loucura e genialidade são parentes. Os grandes gênios poderiam ter nascido “deficientes”. (PACHECO, 2006, p. 92).

O projeto educacional durou por um longo tempo às escondidas. Pacheco (2009, p. 95) professa: “Creio ser sina dos inovadores esta de serem vis e perseguidos.” Paulatinamente, suas propostas receberam adesão da comunidade e poder público do país. Atualmente, é considerada como referência de liberdade e autonomia educacional, exemplo internacional defendida por pais e alunos com anuência aqui no Brasil.

Este educador português, idealizador, coordenador e professor a três décadas do/no Projeto Escola da Ponte, se denomina um louco com noções de prática <sup>6</sup>. Licenciado em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade do Porto, é Mestre em Educação da Criança na mesma escola superior. Quando jovem sequer cogitava dedicar-se ao magistério, visto que almejava ser engenheiro eletrônico. Contudo, uma interrogação o perseguia: Por que a escola, infelizmente, perpetuava um modelo gerado há 200 anos?

A idéia de Escola é muito antiga. Já na Grécia de há milhares de anos havia quem acreditasse que os seres humanos seriam capazes de buscar, em si próprios e entre os outros seres, a perfeição possível. Mas, com o passar do tempo, essa Escola deixou de fazer sentido, porque deixou de se perguntar se faria sentido ficar parada, vendo o tempo passar. (PACHECO, 2004, p. 17).

As instituições escolares nomeadas tradicionais ainda permanecem atadas a necessidades sociais do século XIX – ‘o obsoleto modelo de escola’. Naquela época, era justo existir fragmentação, regularização e padronização industrial. Presentemente, vivemos no século XXI e as urgências, as necessidades são outras.

Mudaram-se os tempos, as matérias e os materiais, enquanto o modelo se manteve inalterado: classes, turmas, aulas, lições, tempos de padrão uniforme, currículos segmentados, estanques, inadequados... Mais computador, menos apostila, mais *data show*, menos lousa, em pleno século XXI, a escola

---

<sup>6</sup> WIKIPÉDIA. José Pacheco. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Pacheco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Pacheco) . Acesso em: 28 jan. 2011.

mantém-se tributária de necessidades sociais do século XIX. (PACHECO, 2006, p. 29).

Prosseguindo nesse percurso reflexivo, na investigação de uma resposta satisfatória, o professor José Pacheco entusiasmou-se pela educação. Apercebeu-se que na área eletrônica da engenharia eletromecânica até não tinha o que fazer. Era apenas mais um fio, mais um fusível, um rolamento em cromo-níquel, como habituava-se a pensar. Todavia, na área educacional, enxergou que tudo estava por construir.

Libertar as idéias afaga o pensamento e tem o condão de reforçar o pensamento divergente, que nos protege de certezas certas. A receita é interrogar o mundo, ininterruptamente, desprendidamente. Vê-lo em cada manhã, como se fora o primeiro homem perante todas as cores da primeira madrugada. (PACHECO, 2006, p. 41).

Por isso é inevitável escolher circunstâncias que dêem motivo a acreditar na educação mesmo tendo pela frente uma realidade nada fácil com o que têm ocorrido com professores, estudantes e a comunidade.

#### **1. 4 – A ruptura**

Até 1976, na parte estrutural, a escola estava localizada num antigo prédio adjacente a uma lixeira. As paredes, forradas de folhagens, e o banheiro, no exterior, em ruínas, sem porta. Como nem quarto de banho decente possuía, as crianças necessitavam da companhia de outros colegas para formar uma espécie de cortina entorno daquelas que precisavam dar vazão aos seus impulsos fisiológicos. Desse modo, confiando na solidariedade dos companheiros, improvisavam a porta do banheiro que não havia.

Fora isso, a escola era idêntica a qualquer outra do antigo primário, atual Ensino Fundamental I. Cada professor atuava em sua sala, separado com seus alunos e sua metodologia. Inexistia participação, transmissão ou projeto geral. A rotina consistia na passividade, em repetições de exercícios. Naquele tempo, havia cerca de 90 alunos para três professores. Dentre inúmeras mudanças, decidiram demolir os muros pedagógicos que eram as paredes, salas de aulas e classes. Ao invés de cada um assumir uma classe de 30, juntaram-se todos. Pacheco (2008, p. 19) transcreve: “Mudamos as nossas práticas de investigação sobre os professores para uma investigação com os professores e até para uma investigação pelos professores” (HOLLEY, M & McLOUGHLIN apud NÓVOA, 1991, p. 74). O objetivo era favorecer a autonomia e a solidariedade. Prematuramente, convocaram os pais, explanaram o projeto e os sondaram a respeito do mesmo. Eles não só apoiaram como o defendem até hoje.

No primeiro livro do professor José Pacheco, escrito a sua neta, de forma poética, prestes a conhecer o novo mundo da escola, intitulado *Para Alice com amor*, (PACHECO, 2004), narra a temporada anterior à entrada de Alice na escola. “Naquele tempo, era negado às crianças o direito de uma escola onde pudesse aprender a ser sábias sem deixar de ser pessoas felizes.” (Ibid, p. 26). E ainda muito mais: “A escola dos homens não produzia humanidade. Produzia bonsais humanos.” (Ibid, p. 70).

As atividades escolares eram completamente centralizadas pelo professor e constituídas de exercícios idênticos para todos. Os professores encontravam-se, tanto física quanto psicologicamente solitários, emparedados numa sala, por circunstâncias e horários alterados dos demais colegas, entregues a si mesmos.

A solidão dos professores é da mesma da solidão dos alunos. É causa de infelicidade e efeito da racionalidade que subjaz ao tradicional modelo de organização das escolas. E, quando, a essa solidão, juntamos a das famílias, apercebemo-nos da dimensão da tragédia. (PACHECO, 2009, p. 115).

Enquanto cada professor vivia isolado em sua sala de aula era fraco, vulnerável, mas quando passou a contar com o auxílio e o arrimo dos outros,

precisamente, tornaram-se fortes e seguros. Pacheco explana: “A profissão do educador deve passar de uma profissão solitária para uma profissão solidária<sup>7</sup>.” A partir dessas reflexões o ambiente mudou, todos se sentiram responsáveis na gestão da escola, a variedade de idéias e saberes fluíram, enobreceram o fazer pedagógico e o espaço escolar.

Diante dessa ponderação coube refletir e questionar: Por que e para que separam-se as crianças por níveis? Isso favorece o quê? Por que é conveniente ter uma sala de aula, um espaço demarcado para aprender?

Sem correr o risco de ofender a inteligência de uma criança, como é possível explicar-lhe que professores (*in illo tempore*, claro!) dessem “aulas” a “turmas”, ensinando a todos como se o todo fosse um só? Como explicar que não se apercebessem de diferentes ritmos de aprendizagem? Como explicar que os professores não reconhecessem em cada criança um ser único e irrepetível? Como explicar que juntassem todos os alunos, num mesmo tempo, num mesmo espaço, nas mesmas condições de pressão e temperatura, e a todos aplicassem testes iguais, fazendo perder um tempo precioso aos que sabiam a matéria e impondo chancelas de ignorantes aos que não a sabiam? (PACHECO, 2006, p. 86).

A mudança aconteceu. Não sem desafios, dificuldades, perseguições. Pacheco (2009, p. 60) cita: “Sabemos ser alto o preço da transformação. Assumir ser diferente acarreta incompreensão, desconforto cognitivo e afetivo.” Qual o ponto crucial da mudança? Perguntar. Por quê? Ao perguntar, compreende-se. Consecutivamente, surge a ação. E desta, avalia-se. Por fim, muda-se. Antigamente, os professores ofereciam respostas sem que os alunos perguntassem. Por esse motivo, apareceram as perguntas. Por que os estudantes não aprendem? Por que os responsáveis não vão à escola? Por que os professores andam tristes?

O que impede o questionamento é o incômodo do estranho que em nós habita. É a sensação do risco de nos expandirmos, de

---

7 TAVARES, Mara. *A palestra do professor José Pacheco através dos olhos de uma educadora...* Disponível em: [http://novopadasanormais.pbworks.com/w/page/9592721/palestra\\_neila](http://novopadasanormais.pbworks.com/w/page/9592721/palestra_neila) . Acesso em: 28 jan. 2011.

sacudir o torpor da acomodação, de nos libertarmos da tirania do pensamento fechado. (PACHECO, 2009, p. 73).

A falta de satisfação com o próprio rendimento é o embrião do procedimento crítico e do inevitável aperfeiçoamento nas condições de trabalho. Ao questionar e se auto questionar o educador procura respostas para suas indagações.

### **1. 5 – Projeto: cultura de solidariedade**

Outrora se dizia que as crianças e jovens daquela instituição apresentavam dificuldades de aprendizagem. Mudaram o foco do problema. Por que não dizer, igualmente, dificuldades de ensino? Além disso, como seria possível aplicar uma cultura de solidariedade?

Daqueles idos anos até os dias de hoje as crianças e os adolescentes responsabilizam-se, em união, uns com os outros como também são co-responsáveis pelo aprendizado de todos, num sistema de colaboração, solidariedade e integração. Para tal são aproveitados vários ambientes da escola dependendo dos meios que necessitarão para organizar e fabricar suas aprendizagens, como visitas de estudo, bibliotecas de pesquisa, oficinas dos computadores, entre outros.

A escola não se guia por um modelo apoiado em séries ou ciclos como também os professores não são responsáveis por uma matéria ou por uma classe específica. Os estudantes são separados por fases: iniciação, consolidação e aprofundamento, em conformidade com seus progressos individuais e o período em que estão no projeto. As crianças e jovens escolhem quais serão as suas atividades de pesquisa no decorrer de quinze dias, agrupam-se e selecionam um tutor para orientá-los no período do ano inteiro. No final dos quinze dias, agrupam-se, verificam se atingiram os objetivos e

começam uma nova quinzena. Na época que concebem saber o bastante, solicitam ao educador que lhes aplique uma prova. Caso o resultado seja satisfatório mudam para outra pesquisa, e se o resultado seja insuficiente retornam a se aprofundar ao assunto. Os alunos, de lá, determinam quais são suas áreas de estudo e produzem projetos de pesquisa individualmente como coletivamente.

O projeto mudou toda a organização da escola dissipando com o exemplo tradicional de ensino. Ao instituir uma transparente e decisiva interrupção com a estrutura de classes encarregou-se, consistentemente, da elaboração de pensar uma outra maneira a organização escolar.

E, perante pessoas que perderam a capacidade de ver, os sonhos são vontades que parecem impossíveis de realizar, mas que habitam um outro plano, até termos a coragem de trazê-los para perto de nós. Para os olhos comuns, há coisas que nem os pássaros conseguem explicar, mistérios que pairam entre o céu e a terra... (PACHECO, 2006, p. 90).

As paredes foram demolidas dando liberdade aos estudantes e professores da severidade dos espaços tradicionais. Simultaneamente as mudanças arquitetônicas, novas escolhas organizacionais assinalaram o corte com o modelo tradicional de organização escolar que não considerava as individualidades e não auxiliava o sucesso de todos.

A estrutura temporal eliminou os turnos introduzindo o período integral impedindo a fragmentação na organização dos estudos. O período integral facultava a admissão de ações de organização e direção participativa do tempo, do espaço e a sua adaptação por parte do conjunto, da totalidade escolar.

Não apenas nos relatos daqueles alertas educadores que refazem o percurso inverso de nossos colonizadores, todavia nos documentários, vídeos a respeito daquela escola que se avistam relatos pormenorizados de um espaço educacional vigoroso, abundante de cenas e depoimentos nunca antes testemunhados. Crianças e jovens autônomos e responsáveis.

Assim expõem as histórias do grande número de pesquisadores e estudantes no convívio com o novo modelo que lá visitam. A comoção, o abalo com o imprevisto. A acomodação ao diferente. A alteração, incontestável, aos

novos papéis e protótipos desses lusitanos estudantis. Tudo o que se observa lá é inteiramente diverso do que se entende por escola. Todas as pré-concepções e pré-noções de escola são desfiguradas quando se entretêm com os estudantes, presencia-se o cotidiano dos espaços educativos e se reconhece a grandeza da capacidade de argumentar dos alunos.

Todos os visitantes contam que se impressionam com o olhar dos alunos que lá permanecem, com o afeto, os gestos e a palavra terna que permutam entre si. O que mais comove, realmente, é a autonomia das crianças e jovens, a seleção cotidiana que cada um monta de um plano de estudo e desenvolvimento, a cooperação entre todos e a proposta de solidariedade constante. Tudo isso ao abrigo da inspeção dos professores que agem como tutores.

Tutor é aquele escolhido pelo próprio estudante que o acompanha durante anos, enquanto houver o interesse, e concede trato mais próximo com a família.

Vejamos: se buscarmos em um dicionário o termo “autonomia”, veremos que ele tem origem no grego antigo e significa “independência”. No dicionário da Língua portuguesa, o termo é definido do seguinte modo: *“faculdade de se governar por si-mesmo”*. Por sua vez, Emmanuel Kant postulava que a vontade é autônoma por se determinar a si própria. Tendo em consideração outras vontades, presumo que a autonomia seja exercida... com os outros. (PACHECO, 2009, p. 141).

Com isso, a permuta de experiências conduz a uma aprendizagem global onde, no grupo, tanto o tutor quanto o aluno realizam a função de construtor na procura e organização do saber. Nessa construção, o estudante ao acompanhar seus roteiros de ensino adquire autonomia na realização das tarefas. E mais, com o trabalho de tutoria o educando desenvolve e apreende, efetivamente, no processo de passo a passo, a construir em conjunto e resolver sobre o seu próprio destino.

## 1. 6 – Os liames

Na referida escola as crianças são respeitadas como crianças e não como adultas, no entanto ocupam-se inteiramente dos preceitos pedagógicos da mesma, além de tornar explícito tudo o que fazem e de tudo o que vivem.

A partir do instante que os estudantes adentram a escola ao término de ir embora efetivam atividades diárias que estão subordinadas à espécie de projeto que estão empregando e do grau em que estão. Ao chegarem-se à escola, brincam. Ao perceberem a entrada dos professores encaminham-se para uma das salas, depois de anotar a presença no painel. Selecionam o material, vão de encontro ao próprio grupo e, acomodados às mesas escolhidas, preparam o plano do dia. Os responsáveis pelos murais atualizam-nos mostrando as atividades, as notícias à disposição ao passo que os educadores circulam entre eles discorrendo sobre as tarefas de casa.

Os tutores não necessitam planejar aulas porque não há aulas. Planejam, única e casualmente, aulas muito especiais, as conhecidas por aulas diretas <sup>8</sup>. Os educadores preparam-se a si mesmos, no cotidiano, para responderem a tudo o que for essencial e também para defrontarem com aquilo que não é previsto. Trabalham em equipes dia a dia. Por não estarem os estudantes separados por turmas os educadores são educadores de todo o corpo discente, não se limitando a um exclusivo espaço, a uma única classe de estudantes. Pacheco (2007, p. 21) alerta: “Todos os professores são professores de todos os alunos e todos os alunos são-no de todos os professores.” Estes, igualmente, são suportes de, como Rubens (Alves, 2001, p. 106) designa: “informação, de interrogações e de afetos.” E ainda Pacheco (2009, p. 96) ressalta: “O professor precisa conhecer as necessidades do aluno, tanto as cognitivas quanto as afetivas. Precisa conhecer os seus sonhos e frustrações.”

---

<sup>8</sup> A exposição oral centrada no professor e na lógica dos conteúdos. O principal meio de ensino é a comunicação de mão única.

Posterior a averiguação dos educadores do plano do dia, o trabalho inicial pode ser efetuado, por exemplo, na rede de computadores. Entretanto, se constatar que não há máquinas à disposição, momentaneamente, pode encaminhar-se à biblioteca e começar uma pesquisa. Retornando ao grupo, pode tomar parte em atividades de ensino de permuta concedendo auxílio a um companheiro ou dividindo informações com outro. Na presença de qualquer incerteza solicita a mediação de um professor que esteja mais perto e disponível. Administrando o próprio plano de estudo o estudante tem a liberdade de dirigir-se a locais onde sucedem as danças, teatros, músicas entre outros.

O trabalho autônomo concretizado na Escola da Ponte é uma forma de Pedagogia individualizada, por meio da qual o aluno participa na determinação de objetivos, na gestão de tempos e espaços em que os seus projetos decorrem, bem como na avaliação. (PACHECO, 2009, p. 144).

A heterogeneidade nos grupos é o padrão básico tomado como critério, conquanto a organização do trabalho reveze entre o trabalho em grupo, o de dupla e o individual. Comumente é formado por três ou quatro estudantes e organizado de maneira a favorecer a colaboração e cooperação recíproca entre estudantes de diversas idades e fases de desenvolvimento. Não obstante o liame afetivo ser o principal da formação do grupo, predomina uma distinção para sua ordenação: cada grupo tem de inserir um colega que apresenta mais necessidade de cuidados.

Desse modo as 'mais dotadas' são responsáveis pelo acompanhamento e amparo à aprendizagem das 'menos dotadas', e estas, por sua vez, não se sentem constrangidas em solicitar auxílio. Em cada grupo há sempre um aluno "especial". Uma terça parte dos alunos é composta por estudantes citados "diferentes" que se locomovem de muito longe diariamente para ir à escola. No fundo, a escola coloca em prática os componentes primordiais da Declaração de Salamanca, de 1995.

O professor José Pacheco, comumente, cita o mestre Agostinho da Silva, que dizia que: "os grupos devem constituir-se à vontade dos alunos para que haja coesão e entusiasmo pelo trabalho, alegria criadora de quem se sente

a construir um universo.”<sup>9</sup> Independente da idade, o que os agrega é o prazer de ficar ao lado, próximos e, unidos, tomar conhecimento. Pacheco (2009, p. 95) narra: “Quando falo de afeto, eximo-me de um idealismo piegas, para o abordar como o Freinet o entendia: *para aprender, transformar e viver, é preciso fechar as fronteiras entre o intelectual e o afetivo.*” Há um exercício constante de duplas ou esforço de um para um que não permite que esse aluno permaneça em uma posição inativa, de não-aprendizagem ou de manifestação de inaptidão.

## 1.7 – A prática

As dificuldades a que o aluno pesquise e não obtenha respostas são esclarecidas com auxílio do tutor, em pequeno grupo. Unicamente faz parte do encontro quem exprime o desejo e o formula. Os estudantes fazem tudo em razão de apresentarem grupos de responsabilidades; se não criarem planejamento não ficam sabendo como se programar; se existir tabelas de horas determinadas não tomam conhecimento de como administrar o tempo. São eles que fixam direitos e deveres e os diligenciam a serem obedecidos.

Na Ponte, os alunos decidem. E os professores estão lá, atentos e disponíveis. São os alunos, com o apoio dos professores-tutores, que definem as regras e as fazem cumprir o que lhes permite serem dignos do exercício cotidiano da liberdade na responsabilidade. (PACHECO, 2009, p. 142).

Na escola cada estudante procede tomando conta de um plano de realização para a cidadania na prática da cidadania. Os alunos não são

---

<sup>9</sup> CASIMIRO, Vitor. *Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal*. Disponível em:

<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0043.asp> . Acesso em: 28 jan. 211.

instruídos somente para a autonomia, porém no decurso dela, nos limites de uma autonomia graduada pela urgência da responsabilidade.

A educação será para a cidadania ou na cidadania? Não se trata de uma sutil diferença entre a palavra *na* e a palavra *para*. A primeira ser contração de preposição e artigo e a segunda se apresentar como preposição simples é questão de somenos importância. Importante é o espírito da coisa, pelo que prefiro a expressão “educar na cidadania”, no *bic et nunc* do drama escolar. Fazemo-nos no que fazemos. Aprendemos cidadania, como todo o resto, no devir que já somos no aqui e agora. (PACHECO, 2006, p. 46).

Em vista disso que se formou a Assembléia de Alunos que ocorre periodicamente, uma vez na semana. Os estudantes compreendem que a Assembléia é uma atividade essencial, pois nela tanto as crianças e jovens quanto os adultos se agrupam e debatem, examinam, reunidos, os conflitos da escola e aprendem a tratar com respeito normas e uns aos outros, além de determinar o que é mais sensato para todos.

As assembléias semanais – considerável momento de atividades da liberdade responsável – são dirigidas pela mesa escolhida no meio dos próprios alunos e se investiga tudo na assembléia, circunstância absoluta da experiência da democracia e da cidadania. A começar das questões da escola às discussões do mundo. Compete à mesa que dirige explanar as normas do momento para as crianças novas que adentram à escola e zelar pela conveniência da associação e manifestação de todos.

Do procedimento democrático, educado e obediente ao relacionar-se com os companheiros, e mesmo a punição para os inadimplentes das regras, são pautas da assembléia. Nessas ocasiões, sabem esperar a vez, a exprimir o modo pessoal de ver e pôr em discussão, harmonicamente, assuntos dados a polêmicas do cotidiano e investigam os problemas da escola, formulam seus direitos e deveres. Enfim, aprendem democracia e cidadania realizando na própria escola.

[...] de indisciplina nada sabia nem agora sei. Sei apenas de crianças que dão lições de autodisciplina na sua escola. Sei de crianças que não entendem a indisciplina do gritar mais alto que o próximo, nas assembléias de adultos, porque na sua

assembléia semanal erguem o braço quando pretendem intervir. Sei de crianças de seis, sete anos, que sabem falar e calar, propor e acatar decisões. São crianças capazes de expor, com serenidade, conflitos e de, serenamente, encontrar soluções. São cidadãos de tenra idade que, no exercício de uma liberdade responsavelmente assumida, instituíram regras que fazem cumprir no seu cotidiano. Poderão continuar a chamar-lhes alunos “utópicos”, que nem por isso eles deixarão de existir. (PACHECO, 2003, p. 34).

Uma investigação efetuada por três professores doutores da Universidade de Coimbra oferece apoio aos defensores das atividades da escola. No período de uma década, 1991 a 2001, os pesquisadores registraram a produtividade, acompanharam o resultado escolar de estudantes de quinto e sexto ano do ensino fundamental, confrontando os alunos oriundos da Ponte com os das vinte conceituadas escolas públicas do país. Pacheco alega: “Nossos alunos se saíram melhor em todas as áreas avaliadas. E lembre-se de que são aqueles expulsos das outras escolas.”<sup>10</sup>

---

10 COSTA, Carolina. *O Brasil descobre Portugal*. Disponível em:

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAACPsAG/escola-ponte>. Acesso em: 28 jan. 2011.

## Capítulo 2 - Do lado de cá

Do lado de cá do oceano Atlântico, um pouco mais de um lustro, algumas instituições escolares atreveram-se a cruzar as águas vagarosas do ensino padrão e estabelecido experimentando encontrar um novo caminho para a educação, além de, igualmente, romper com o monopólio do poder exercitando-o com toda a coletividade escolar.

Tempo buliçoso das mudanças de paradigmas na educação brasileira. De um lado, o uso cada vez mais presente da informática nas escolas. Possibilidades múltiplas fomentando ambas as tendências - a favor ou contra – do mesmo modo subsidiando artigos, teses e abordagens redigidos pelos variados pedagogos, cientistas e pesquisadores dessas duas disposições. De outro lado, educadores que reinventam o Brasil.<sup>11</sup> No artigo de José Pacheco ao jornal Folha de São Paulo, em 2005, sobre as escolas invisíveis encontram-se apontamentos generalizados de uma nova geração de docentes comprometidos com a humanização do ensino-aprendizagem em tempo algum estabelecido como certo. Professores e crianças envolvidos e solidários.

Por conseqüência críticos e estudiosos têm narrado as experiências dessas instituições diante da aplicação de uma diferente maneira de se ministrar a educação. O impacto, a perturbação com pré-conceitos. A recombinação do que permanece e o que se renova. A modificação, incontestável, aos novos procedimentos e organizações provindos do inusitado.

Seguidamente, as transformações, as conversões e substituições, a observação, formação, opção acionadas por valentes, lutadores e combatentes que fazem a pedagogia da diferença.

Intervalos de dúvidas revezados com intervalos de êxito.

Diga-se de passagem, habitualmente, a trajetória de todos os projetos é registrada pelas dificuldades e embates de estados de oposições, obstáculos e intolerâncias verificadas com estados de extensas proezas.

---

11 PACHECO, José. *Aos RC*. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/aos-rc-jose-pacheco> . Acesso em: 04 fev. 2011.

## 2. 1 – Águas passadas e Ensino

No tempo dos afonsinhos, precisamente em 1896, veio à luz, no Rio de Janeiro, o neto do poeta Luiz Delfino, Alexandre Delfino de Amorim Lima. Este fluminense – por sinal, o termo provém do latim *flúmen*, que significa rio – bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais e, posteriormente, juiz de direito, nomeado juiz titular da Comarca de Ubatuba, em 1926. Em sua trajetória nas terras paulistanas foi elevado a desembargador e eleito presidente da Corte de Justiça de São Paulo.

Amorim Lima foi pregador notável da ordem jurídica e da soberania da lei, na disputa dos direitos. Na Magistratura Civil e Penal, com a eloquência que difundia os seus votos que eram um primor de profundidade jurídica e elegância de forma, elevou seu prestígio a mais alta admiração, inscrevendo o seu nome dentre os maiores juízes de todos os tempos.<sup>12</sup>

Em vista disso este jurista que aos ditames da lei penal, jamais faltou o seu coração, para que a justiça não fosse insensível ao grande drama da humanidade dá o nome à EMEF Desembargador Amorim Lima, localizada em frente à praça Elis Regina, na capital paulista.

Vinte anos após a sublevação da escola portuguesa e trinta anos após o falecimento do eminente desembargador brasileiro, notadamente em 1996, uma decidida e destemida educadora brasileira gerou, organizou, produziu uma forma de pensar e construir educação. Ela escolheu a dedo trabalhar numa escola da zona oeste na cidade de São Paulo por enxergar na convivência das pessoas daquela instituição um resumo do Brasil e por almejar construir uma escola segundo seus ideais.

Quem dera que todas as escolas fossem lugares onde se permanece o tempo preciso para realizar o projeto de um sonho. Lugares de onde se parte para levar sementes de

---

12 LIMA, EMEF Amorim. *História do Desembargador Amorim Lima*. Disponível em: <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Escola++Hist%C3%B3ria> . Acesso em: 04 fev. 2011.

sonho para outros lugares, ou para deixar que o sonho de fazer crianças mais felizes prossiga. (PACHECO, 2003, p. 104).

Ana Elisa de Siqueira, diretora da citada instituição escolar, formada em pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – resolveu revolucionar o espaço escolar, o qual antes parecia um hospício ou uma prisão, no conceito dos alunos, devido ao cerceamento de locomoção naquele espaço, além da cor cinza ser a única permitida tanto nas paredes quanto nos uniformes escolares. Não existe barreira que triunfe a veemência da água, em tal grau Pacheco (2004, p. 64) rememora António Aleixo, poeta português: “quem prende a água que corre é por si próprio enganado; o ribeirinho não morre, vai correr por outro lado.” Ou seja, comparando com o pássaro da mitologia grega, fênix, que renascia das próprias cinzas, a escola adquiriu nova vida com as mudanças ocorridas, inclusive alterando a disposição de ânimo entre todos: o ambiente afetivo que antes era cinza tornou-se colorido.

Sabemos que há muitos professores conscientes da falência do tradicional modelo de organização e de que é necessário reconfigurar as escolas. Quantos professores conheço capazes de desconstruir estereótipos e de operar essa reconfiguração! (PACHECO, 2009, p. 252).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, situada no bairro Butantã, na grande São Paulo é, através da mídia, totalmente visível e conhecida por deitar abaixo as paredes, as grades de ferro e, posteriormente, as grades curriculares pelo projeto que se destaca sob a inspiração da Escola da Ponte, de Portugal. Entretanto, a diretora Ana Elisa Siqueira desaprova a concepção que esteja aventurando-se a copiar o exemplo da Escola da Ponte. O método empregado na Escola de Portugal foi ajustado na Amorim Lima, em conformidade com a sua condição e existência real. Mesmo porque o fundador do projeto Fazer a Ponte, José Pacheco, alerta, com alegria, que até então é impraticável realizar duplicata de projetos: “A Ponte

encontrou a forma, e não a fórmula, encontrou um caminho, a dela, e não dos outros.”<sup>13</sup>

Uma escola em que o saber vá nascendo das perguntas que o corpo faz. Uma escola em que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido (inutilmente), mas o corpo da criança que vive, admira, encanta-se, espanta-se, pergunta, enfia o dedo, prova com a boca, erra, machuca-se, brinca. Uma escola que seja iluminada pelo brilho dos inícios. (ALVES, 2001, p. 55)

Para que essa ambientação se realize é necessário que aconteça uma transformação na atitude por parte dos profissionais incorporados à educação: renovar, senhorear-se de humanismo, sensibilidade, crer inteiramente na aptidão do estudante, educando-o a traçar sonhos e a realizá-los enfrentando de maneira mais significativa com a realidade e consigo mesmo.

## **2. 2 – Reeducação de uma cultura**

A característica determinante desta escola brasileira é exercer o ensino na cidadania, o que se traduz por um exercício de edificação de autonomia e colaboração do estudante. O plano norteador da Amorim Lima é um plano exclusivo, gerado pelo envolvimento de uma coletividade, muito heterogênea socialmente e culturalmente com pais atuantes e participativos, dirigida a prover as exigências e desejos desta mesma coletividade. O professor Pacheco (2001, p. 114) elucida: “Os pais têm dificuldade em conceber uma escola diferente daquela que freqüentaram quando alunos mas que, quando esclarecidos e conscientes, aderem e colaboram.”

---

<sup>13</sup> Fala de José Pacheco no I Congresso Nacional de Educação, julho 2009, em Ubatuba/SP.

Debaixo do Sol, não há coisas novas, mas feitas de uma maneira: *non nova, sed nove*. Tudo se transforma, assume diferentes contornos. O que não pode é haver mudanças no modo de fazer sem uma concomitante transformação no modo de pensar... (PACHECO, 2009, p. 26).

Instalada próxima a Universidade de São Paulo, uma parcela dos estudantes são filhos de professores doutorados e funcionários da renomada universidade com rendas mensais superiores a dez salários mínimos, enquanto outra parcela é originária de pais analfabetos, famílias com baixa renda familiar. Ana declara: “Pensar na escola democrática é pensar na sociedade democrática.”<sup>14</sup> Precisamente essa convivência de conhecimentos de vida e vivências múltiplas que restabelecem o significado da escola que todos têm o direito de assistir, sem impedimentos sociais, uma típica escola democrática.

A autonomia é construída através do aprender a aprender.

Sob orientação dos professores, os estudantes são organizados em grupos fixos de cinco pessoas, nos quais desenvolvem seus roteiros de pesquisas – cada um no seu ritmo -, discutem as dúvidas entre si e, quando necessário, solicitam apoio específico. Esta metodologia é aplicada no salão e nas oficinas culturais e temáticas.<sup>15</sup>

Na proporção que foram examinando detidamente a metodologia da Escola da Ponte reconheceram que era necessário trabalhar com salas espaçosas nas quais todos os educadores e estudantes atuassem reunidos, notando como era vantajoso trabalhar em grupos. Não há mais classes do ponto de vista habitual e tradicional do termo. Em salões multidisciplinares, os estudantes se agrupam de quatro a cinco integrantes nas mesas, cujo trabalho é, principalmente, realizar pesquisas e originar conhecimento, com a orientação de educadores das diversas disciplinas convivendo no mesmo espaço.

---

14 UCHÔA, Cristina. *Escolas comemoram seu dia afinando interação com a comunidade*. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/ConteudoId/e4099a55-320b-434f-aa24-b36690b15722/Default.aspx> . Acesso em: 26 fev. 2011.

15 SIQUEIRA, Ana Elisa. *Qualidade Educação*. p. 46 - 47. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/online/midioteca/qualidadeeducacaosiqueira.pdf> . Acesso em: 26 fev. 2011.

A pesquisa é um processo de busca de informações, as quais, confrontadas com o universo conceitual de cada estudante, levam à produção de conhecimento e à construção da aprendizagem com autonomia.

Os estudantes utilizam-se de roteiros estruturados para realizar suas pesquisas. Estes guias de trabalho favorecem a aprendizagem dos conteúdos e possibilitam trabalhar com os livros didáticos e outras fontes de conhecimento.

Computadores conectados à internet, ferramentas essenciais para esse trabalho, estão à disposição no salão e na sala de informática.<sup>16</sup>

O princípio pedagógico enfatiza o trabalho de pesquisa. A aula expositiva não se torna a ferramenta prioritária de transmitir e adquirir o conhecimento, converte-se em postar-se como um meio empregado nas ocasiões em que o estágio de autonomia até então não alcançou a condição de lidar com um projeto de pesquisa, como também nas ocasiões em que os professores percebem que uma exposição verbal proporcione um adiantamento no desenvolvimento do aluno, gastos todos os outros meios.

O exercício de pesquisa orienta-se por Roteiros Temáticos amparado nos livros didáticos e paradidáticos, numa situação preponderantemente coletiva, empregando-os de modo excepcional e não em ordem de sucessão, investindo numa transversalidade de temas. A diretora especifica: “A escola está totalmente de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases. Nosso projeto respeita a proposta dos ciclos, a importância do tempo de cada aluno, a busca pela avaliação constante por objetivo.”<sup>17</sup>

Apesar da assistência coletiva e individual em classe, os estudantes são orientados mais próximos por um tutor que, ao dedicar-se a um número restrito de crianças e jovens, exclusivamente no decorrer de todo o tempo de formação escolar, tem oportunidade de guiar com cuidado mais atencioso e vivo, apontando e reparando direções.

---

16 Loc. cit.

17 ALMEIDA, Alexandra. *Perfil: A diretora da escola sem paredes*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u908.shtml> . Acesso em: 06 mar. 2011.

Durante o trabalho de tutoria o tutor responsável pelo grupo ajuda seus tutorandos a organizar suas atividades pessoais, seus registros e suas tarefas.

Este também é um momento privilegiado de trabalho grupal, quando se constroem vínculos profundos tanto com a aprendizagem quanto com as responsabilidades pessoais e coletivas.<sup>18</sup>

Sempre os tutores verificam os materiais pessoais dos estudantes semanalmente e tiram dúvidas sobre o melhoramento de cada um, no máximo vinte por grupo. A diretora define: “Tem uma imagem para mim que é muito bonita: quando se tem uma planta pequena e se quer que ela cresça, você coloca um pauzinho do lado dela e amarra. Este pauzinho tem o nome de tutor.”<sup>19</sup>

Atualmente, no aspecto de estrutura física as paredes receberam camadas coloridas de tintas, um espaço destinado ao cultivo de hortaliças, jardim e exposição estável de azulejos pintados pelos próprios estudantes. No aspecto educacional, não obstante a ênfase ao currículo tradicional, a importância com a aprendizagem intelectual há a extensão com o desenvolvimento corporal através de oficinas de capoeira, de circo, teatro, educação ambiental, música, leitura, jogos cooperativos e salas de informática concomitante aos núcleos de arte e cultura brasileira.

Essas oficinas não têm a finalidade de preparar futuros artistas circenses, mestres de capoeira etc.; na verdade, funcionam como estratégias a permitir, por meio de metodologias e atividades alternativas, que novos vínculos institucionais e novos processos de aprendizagem sejam criados aos poucos.<sup>20</sup>

---

18 SIQUEIRA, Ana Elisa. *Qualidade Educação*, p. 32. Disponível em:

<http://www.iea.usp.br/iea/online/midioteca/qualidadeeducacaosiqueira.pdf> . Acesso em: 06 mar. 2011.

19 BARROSO, Juliana. *Projeto em escola pública demonstra que ensinar pode ser diferente*. Disponível em: [http://www.educacaospfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que\\_07.html](http://www.educacaospfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que_07.html) . Acesso em: 06 mar. 2011.

20 AQUINO, Júlio Groppa. *Da construção de uma escola democrática: A experiência da EMEF Amorim Lima*, p. 31. Disponível em:

[http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs\\_revistas/eccos/eccos\\_v6n2/eccosv6n2\\_juliogroppa\\_roselysayao.pdf](http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v6n2/eccosv6n2_juliogroppa_roselysayao.pdf) . Acesso em: 06 mar. 2011.

A instituição escolar necessita de ventilação, de troca, de sangue novo, de profissionais mais inovadores, ativos, que incentivem os estudantes a pesquisar, investigar, a tomar iniciativas e a exercer interação, ou seja, reclama uma mentalidade aberta para a realidade, para a vida.

### **2. 3 – Formar a inteligência, o coração e o espírito é solidarizar-se eticamente**

“Antes, acreditava que só a revolução resolveria, mas hoje penso que, com boas escolas, a gente já consegue fazer uma revolução. Realizar um bom trabalho no Amorim faz a diferença”<sup>21</sup>, crê a diretora. No entanto, até chegar ao ponto em que atualmente se encontra a diretora se defrontou com muitas resistências e relutâncias. Segundo ela, não existe educação sem questões para a gente trabalhar, é conflito o tempo todo.<sup>22</sup> Na época o assunto principal era uma sentença sem variação e sem préstimo contido na queixa de alunos problemáticos, prevalecia a cultura de expulsar esses alunos. O professor Pacheco (2009, p. 89) menciona: “A indisciplina é a filha preferida do autoritarismo e da permissividade.” Continuando: “A arte de conviver (viver com) exige uma atitude de abertura, o reconhecimento do outro e o respeito pela pessoa do outro” (Ibid, p. 117). Era praxe formar uma fila do lado de fora da sala da diretora aguardando a vez de ser aplicada a repreensão severamente. Entretanto, a diretora não cedia, preferia aderir a qualquer outra negociação a repelir uma criança, um adolescente da escola.

---

21 ALMEIDA, Alexandra. *Perfil: A diretora da escola sem paredes*. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u908.shtml> . Acesso em: 06 mar. 2011.

22 POPULAR, Brasil Almanaque de Cultura. *Ana Elisa Siqueira*. Disponível em:

[http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8104:ana-elisa-siqueira&catid=12954:cultura&Itemid=31](http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8104:ana-elisa-siqueira&catid=12954:cultura&Itemid=31) . Acesso em: 08 mar. 2011.

Muitos alunos que saíram morreram porque se envolveram com droga. E a escola é o último vínculo. Se a criança perde esse vínculo com o social, com a escola que cria regras, que diz o que pode, o que não pode, que cria valor, perde tudo! Minha experiência mostra o quanto a escola é fundamental. Escola boa é fundamental para todo mundo.<sup>23</sup>

A sala da diretora privou-se de ser a advertência de futura pena para, a todo o momento, de entrada descerrada, ser o ponto de uma reforma favorável e absoluta. Discentes das últimas séries aproveitaram o tempo extra-estudo para conviver com o espaço escolar na qualidade de tomar conta das oficinas cotidianas e também aos finais de semana o que proporcionou a melhoria dos ambientes.

Essa liberdade de se posicionar no espaço escolar iniciou-se quando a diretora desejou dar ouvidos às palavras de todos os professores e alunos da escola. Os professores manifestaram desagrado com a indisciplina e a dispersão em sala de aula. Por sua vez, os alunos reclamavam de injustos tratamentos, ora sem lanche no intervalo e tempo ocioso por falta de aula. À vista disso, os pais questionavam: quem tem desrespeito com quem? A indisciplina é de quem?<sup>24</sup> – recorda Ana.

As modificações foram sendo organizadas na proporção da associação da comunidade que, ao se tornar sabedora da situação foi se apropriando do que ambicionava como educação, o que considerava necessário aos seus filhos. Para citar um exemplo havia brigas no horário do intervalo, os alunos se contundiam. Tal fato se devia ao quadro de apenas quatro empregados para preparar a merenda, fazer a faxina e acompanhar os alunos no intervalo, no período das oito da manhã às onze da noite. Surgiu assim a indicação de que os responsáveis das crianças auxiliassem nesse horário. Uma pequena minoria de mães, naquele tempo, começou a ir amiúde à escola durante o intervalo. A diretora Ana Siqueira nota: “Elas resgataram brincadeiras simples e populares que já fizeram parte da infância e hoje em dia ficaram de lado, como roda, pular

---

23 Loc. cit.

24 BARROSO, Juliana. *Projeto em escola pública demonstra que ensinar pode ser diferente*. Disponível em: [http://www.educacaoespfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que\\_07.html](http://www.educacaoespfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que_07.html). Acesso em: 08 mar. 2011.

corda, amarelinha.”<sup>25</sup> A folia do intervalo aumentou, uniu crianças e mães e recebeu o nome de Oficina da Brincadeira.

A educação é sempre uma “aventura” coletiva de partilha: de afetos e sensibilidades, de conhecimentos e saberes, de expectativas e experiências, de atitudes e valores, de sentidos de vida... (...) A descoberta de valores comuns permite percorrer um itinerário comum, que reforça vínculos afetivos e é gerador de um intenso sentimento de pertença. (ALVES, 2001, p. 115 - 119).

A intenção da escola em todo o tempo foi transparente: resguardar a fase infantil e a cultura nacional. Como? Conservando ativamente as tradições, como por exemplo, nas festas juninas se apresentam somente quadrilhas e músicas caipiras típicas brasileiras, tendo desvelo em selecionar as músicas.

Outro grupo de pais identificou a situação mais grave que era a assídua ausência dos professores, um número reduzido ausentava-se até o extremo para concluir o salário do mês, e assim conseguirem trabalhar em mais de um emprego.

Os professores são como os melões. Só os conhecendo por dentro se pode avaliar da sua qualidade. Quando nos deixamos conduzir pela aparência, a surpresa pode ser bem desagradável. Quebrado o verniz da casca, uns revelam-se maduros, outros verdes, outros podres... (PACHECO, 2009, p. 25).

No decorrer dos anos a Comissão e o Conselho da escola, averiguando o Projeto Político Pedagógico interpretaram haver uma significativa disparidade entre a teoria e a aplicação diária na escola. Vale atentar que uma das aptidões do Conselho de Escola na escola pública municipal é a instalação do PPP a ser exercido pela EMEF.

Tal projeto é, de acordo com Ilma Veiga (1995; 2001), ‘político’ no sentido de compromisso de formação para a cidadania em um tipo de sociedade, e ‘pedagógico’ no que se refere à

---

25 LIMA, EMEF Amorim. *Escola desenvolve projeto modelo de resgate cultural*. Disponível em:

<http://www.amorimlima.org.br/tiki->

[index.php?page=Escola+desenvolve+projeto+modelo+de+resgate+cultural](http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Escola+desenvolve+projeto+modelo+de+resgate+cultural) . Acesso em: 08 mar. 2011.

definição das ações educativas necessárias à escola para que ela cumpra seus propósitos.<sup>26</sup>

Requisitaram auxílio à psicóloga Rosely Sayão que, na época, tinha recém chegado de uma permanência à Escola da Ponte e mostrou um vídeo sobre a instituição portuguesa. Imediatamente provocou nos membros uma identificação com o projeto político reconhecendo a notável afinidade de caracteres que os incentivavam e aqueles que a filmagem revelava. Por pedido do Conselho da escola a Rosely Sayão criou e entregou um prospecto para assessorar a implementação do projeto pedagógico. Eis um pequeno compêndio do projeto:

Objetivos do projeto Amorim Lima – Escola cidadã:

Proporcionar a formação global de todos os envolvidos;

Construir a autonomia moral e intelectual dos estudantes;

Garantir direitos: educação de qualidade, com período completo de aulas;

Incentivar o compromisso com o conhecimento;

Estimular e orientar o trabalho em grupo;

Promover a convivência com responsabilidade pessoal e coletiva;

Assegurar o respeito aos tempos e processos pessoais.<sup>27</sup>

Entende-se que decidir pela produção e execução de um projeto para resolver específico quadro que se tem pela frente é uma resolução administrativa que depende de critérios. No resumo acima nota-se que o projeto pedagógico bem definido alimenta no grupo de pessoas envolvidas a impressão de propriedade.

---

26 AQUINO, Júlio Groppa. *Da construção de uma escola democrática: A experiência da EMEF Amorim Lima*, pg. 29. Disponível em:

[http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs\\_revistas/eccos/eccos\\_v6n2/eccosv6n2\\_juliogroppa\\_roselysayao.pdf](http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v6n2/eccosv6n2_juliogroppa_roselysayao.pdf) . Acesso em: 08 mar. 2011.

27 SIQUEIRA, Ana Elisa. *Qualidade Educação*, p. 07. Disponível em:

<http://www.iea.usp.br/iea/online/midiateca/qualidadeeducacaosiqueira.pdf> . Acesso em: 14 mar. 2011.

## 2. 4 – A construção

“O projeto só sobreviveu porque os professores encontraram o lugar da autoridade”, acentua a diretora. “Não é uma estrutura horizontal. O projeto confere uma importância absoluta aos educadores, que estão hoje em uma posição ainda mais destacada no contexto da escola”, informa.

Há por aí quem considere que os professores são criaturas em estado de graça, enquanto outros tendem a considerá-los uns desgraçados. Nem oito, nem oitenta. Os professores não são anjos nem demônios. São, como as outras pessoas, seres aprendentes. Se aprendem ou não, isso depende da vontade e da circunstância (...) (PACHECO, 2003, p. 73).

Indubitavelmente houve desafios a se vencer. No princípio, todos os envolvidos encararam relutâncias para se ajustar ao novo movimento, distante da monodocência tradicional. Ana Elisa reconhece: “A verdade é que não conseguíamos dar conta do conteúdo curricular.”<sup>28</sup> Através de um professor estagiário, doutor em Lingüística da USP, Geraldo Tadeu Silva, no período de um ano, examinando a rotina escolar, encontrou-se um modo de transitar o conhecimento dos alunos de maneira mais significativa, empregando como estrutura todos os livros didáticos e desobrigando a fatalidade de um professor dar aulas. Ele estabeleceu os itinerários de investigação, empregados atualmente como pilastra para a ensino da escola e que abrangem todas as áreas do conhecimento.

Ana destaca: “O que é bacana é que tem um currículo que está posto hoje. A criança busca pelo roteiro onde estão as fontes das informações que vão satisfazer este objetivo. É maravilhoso.”<sup>29</sup>

As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças

---

28 HARTT, Valéria. *O que é democracia na escola?* Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/profiles/blogs/dossie-democracia-na-escola-25> . Acesso em: 14 mar. 2011.

29 BARROSO, Juliana. *Projeto em escola pública demonstra que ensinar pode ser diferente.* Disponível em: [http://www.educacaoespfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que\\_07.html](http://www.educacaoespfz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que_07.html) . Acesso em: 14 mar. 2011.

estão aprendendo valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações [...] (ALVES, 2001, p. 43).

Por ter consciência que aprender a aprender é um exercício laborioso os estudantes contam com alguns dispositivos que os ajudam na expansão gradual de analisar e avaliar como se conhece. Dentre esses dispositivos existe a preparação de um plano quinzenal de estudos. Neste as crianças determinam quais serão os objetivos a serem atingidos no espaço de quinze dias, não só os objetivos a respeito do conteúdo como também os objetivos expressos em relação à postura e hábito como, por exemplo, destinar um número fixo de horas cotidianas para estudar ou ser solidário com os colegas.

Os sistemas educativos tendem a avaliar os saberes através do verificável, daquilo que medem, ou controlam. Porém, as modificações mais profundas que neles se operam escapam, na maioria das vezes, ao seu controle, processam-se na intimidade e na capacidade do Homem que se traduz naquilo que consegue fazer com o que fizeram dele. (SARTRE, 1960, p. 63 apud PACHECO, 2008, p. 124).

Seguindo esse encadeamento de argumentos vale citar a apreciação madura do José Pacheco na seguinte reflexão: “Sartre estava certo de que, se não somos responsáveis pelo que fizeram de nós, somos responsáveis por aquilo que fizermos com aquilo que fizeram de nós.”<sup>30</sup> Apresentar e seguir os objetivos estabelecidos produz que os alunos adquiram conhecimento de suas potencialidades e limitações, além de granjear consciência da maneira de se travar conhecimento com os conteúdos.

O aluno é, assim, o verdadeiro sujeito do currículo – não um instrumento ou um mero destinatário do currículo. Os professores não estão no centro da vida escolar, não são o sol do sistema curricular. Estão, relativamente às crianças, em permanente movimento de translação e circunvolução, procurando acompanhar, orientar e reforçar o percurso de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social de cada aluno. (SANTOS, apud ALVES, 2001, p. 18).

---

30 PACHECO, José. *Entre margens*, p. 17. Disponível em: <http://api.ning.com/files/Xx-50X7lcmCwVC-LXUby23p47S0k6wsVAeWVGZICSHkDkEMGvQhokSNlPnZzXPUswzR-vajHO9t30K2uOdZAxps3wvC0tt0-/PachecoEntremargens.pdf> . Acesso em: 16 mar. 2011.

Mais um mecanismo empregado é o Registro Diário no qual o aluno produz um resumo de suas pesquisas do dia. Tal registro, efetuado diariamente, é proveitoso para que as crianças tenham a oportunidade de raciocinar sobre o que foi pesquisado e se, de fato, ocorreu uma aprendizagem verdadeira. O professor Pacheco (Apud ALVES, 2001, p. 104) enfatiza: “Um mesmo currículo para todos os alunos é desenvolvido de modo diferente por cada um.” Tais registros dão ensejo, igualmente, no instante em que o estudante tem necessidade de perguntar a um colega ou a um tutor sobre alguma matéria específica, formulando assim a questão de um jeito a mostrar a extensão que o tema seja compreensível.

Igualmente são utilizadas fichas de auto-avaliação dos estudos da quinzena onde o estudante escreve a sua opinião sobre o que foi pesquisado e se efetivamente aprendeu por experiência própria no prazo estabelecido. A avaliação possui várias etapas. O momento que prefere ser avaliado é resolvido pelo estudante quando percebe que seu trabalho está realizado para ser demonstrado ao tutor. A avaliação acontece quando os educadores lêem as fichas dos estudantes, apontando se elas foram produzidas com coerência de acordo com o que foi proposto. José Pacheco (Apud ALVES 2001, p. 105) informa: “Educar é mais do que preparar alunos para fazer exames, é ajudar as crianças a entenderem o mundo e a realizarem-se como pessoas, muito para além do tempo de escolarização.”

A avaliação e a preparação têm dois propósitos principais: o primeiro é fornecer informações sobre uma situação ou desempenho para fins comparativos. Isso geralmente é feito em um determinado momento, como no final, de um período de trabalho ou estudo (preparação ou avaliação somativa). O segundo propósito é fornecer informações que serão usadas para orientação. Isso é feito geralmente durante o processo de trabalho ou estudo (preparação ou avaliação formativa). O primeiro propósito tende a ser mais crítico do que o segundo. Aqui é feita uma discriminação entre a avaliação e a preparação. A preparação é usada aqui para o trabalho dos alunos, e a avaliação para o trabalho das escolas. Também é feita uma distinção entre avaliação ou preparação interna e externa. A avaliação ou preparação interna refere-se ao que as pessoas na escola fazem em relação a essa atividade, a externa referindo-se à avaliação que se origina de pessoas de fora da escola. (PACHECO, 2007, p. 60).

Uma outra etapa da avaliação é a confecção de um portfólio no qual o aluno faz a descrição do que foi estudado ao fim de um roteiro de pesquisa, além de retratar o que foi estudado por meio de uma ilustração ou colagem. Para a diretora, “educação sem liberdade de expressão não tem sentido.” A verificação avaliativa dos roteiros e sugestões para completá-lo é possível ser efetuada por algum professor que se encontre a disposição nos espaços de aprendizagem. No entanto, a verificação da ficha de auto-avaliação somente pode ser feita pelo tutor responsável.

A aquisição independente das próprias opiniões verifica-se, na maior parte, de maneira devagar e solicita que todos os envolvidos nesse percurso observem com tento as modificações que ocorrem para que se produzam novas circunstâncias que incitem o seu desenvolvimento. O projeto evoluiu nesses últimos sete anos, tanto é que a evasão escolar terminou.

Ana desconfia que a sua perseverança tenha sido moldada na piscina. Ela foi nadadora de fundo, competindo nas provas de 400 m e 800 m, além de praticar travessia de mar. "Na natação, é preciso ter força para continuar, saber que não é tão fácil. E perseverança é fundamental no trabalho em educação. O resultado não aparece quase nunca".<sup>31</sup>

A despeito da divergência de metodologia e costumes com outras escolas municipais, a EMEF Desembargador Amorim Lima obteve rendimento convincente nas provas dos governos municipal e estadual. Ana menciona: “Uma avó de aluno, economista, analisou os resultados da Prova São Paulo e concluiu que, ao contrário de muitas escolas que têm boas notas por causa de seus melhores alunos, na Amorim, todos os alunos estão na média.”<sup>32</sup>

---

31 ALMEIDA, Alexandra. *Perfil: A diretora da escola sem paredes*. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u908.shtml> . Acesso em: 20 mar. 2011.

32 ATUAL, Redação do Jornal Brasil. *Revolução na escola se faz com o apoio de pais e mestres*.

Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/jornais/jba-sao-paulo/revolucao-na-escola-se-faz-com-o-apoio-de-pais-e-mestres> . Acesso em: 20 mar. 2011.

## 2. 5 – Gestão: prática solidária

Uma coisa é ter princípios, outra bem diversa é aplicá-los. Nesse sentido a Ponte, em sua generosa proposição de fazer públicos sua história, seu trajeto, suas dificuldades e seu estágio atual, é fonte importantíssima de consulta e interlocução.<sup>33</sup>

Outras instituições escolares inspiraram-se nos mesmos princípios que a Escola da Ponte, porém apareceram com um projeto distinto, conquanto em tal grau variado quanto o da escola de Portugal. Por conta disso, diversos profissionais envolvidos com educação têm buscado renovar em suas escolas. Em São Paulo há três instituições escolares representantes da rede particular que são: a escola Lumiar, inaugurada em 2003, a escola Teia Multicultural, e a escola Politéia. Entre as práticas da rede pública municipal há a EMEF Presidente Campos Salles, o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) do Campo Limpo. Em Campos do Jordão há a EMEIF Rural Sebastião Félix da Silva. Em Ubatuba há a EMEF Sebastiana Luiza de Oliveira Prado, no bairro do Sertão da Quina, com o Projeto Araribá. Em Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, no município de Araçuaí há o Projeto Ser Criança, criado pelo educador Tião Rocha, fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), com sede em Belo Horizonte. Na internet, há a rede dos Românticos Conspiradores - o RC constitui-se de uma rede colaborativa formada por pessoas que militam pela transformação da Educação Pública (entendida como aquela voltada para a população em geral e que a todos dê garantias de acesso, sucesso e realização pessoal e social, seja ela de caráter estatal ou privado<sup>34</sup>). Essas instituições e tanto outros espaços educacionais andam pondo em prática operações para com mais apreço educar as futuras gerações para o emaranhado século vinte e um.

---

33 LIMA, EMEF Amorim. *Projeto Político Pedagógico*. Disponível em: <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Projeto%20Pol%C3%ADtico%20Pedag%C3%B3gico> . Acesso em: 20 mar. 2011.

34 CONSPIRADORES, Românticos. *Sobre os RC*. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/sobre-o-rc> . Acesso em: 26 mar. 2011.

No extremo norte do país, um colégio busca a forma ideal de escola que dê a todos garantia do exercício da cidadania e de realização pessoal. Num hospital do sul, uma equipa de professores, técnicos de serviço social, animadores e voluntários suavizam os dias de crianças doentes. Num lugarejo perdido do Nordeste, a fé pedagógica faz milagres e produz um ensino que faria inveja de muito colégio (dito) de elite. Junto ao mar de Santa Catarina, crescem as paredes de uma escola sem paredes, que concretizará o sonho de um pequeno grupo de educadores. Em São Paulo, por detrás de um pesado portão protector, um jardim-de-infância feito à medida da criança comove o visitante mais insensível. Na periferia da grande metrópole, professores e pais juntam-se a amigos e pesquisadores, para dar forma a um projecto que transformou “salas de aula” em “espaços de estudo”. Numa escola do Rio, os sonhos de uma escola à medida do Homem ganham forma, fazendo das crianças pessoas mais sábias e mais felizes. Sob o "mar de Minas", uma mulher empenha-se na humanização de uma academia de polícia. Na Bahia, um homem bom reinventou modos de ensinar e aprender e um grupo de voluntários leva esperança a uma escola no interior de uma favela. Perto do lugar onde Cora viveu, a tenda de circo e a ágora resgatam a vocação da escola. Em pleno centro da capital, a diversidade cultural assume contornos reais, uma fundação procura respostas para os “diferentes”, e uma ONG suporta a humanização do sistema de relações numa escola antes condenada à desactivação.<sup>35</sup>

Tais medidas podem mostrar desconfiança para o educador que emprega a mesma metodologia que pouco se alterou nos últimos séculos, porém as alterações caminham velozmente. Isso requer do professor uma exata porção de flexibilidade e abertura, visto que para implementar essas mudanças é necessário diariamente adequar-se a um ambiente de novos modos de viver, novos meios que são necessários, e ir se informando, paulatinamente, numa postura predisposta a uma reforma de qualidade, significativa e positiva.

---

35 PACHECO, José. AOS RC. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/aos-rc-jose-pacheco> . Acesso em: 26 mar. 2011.

## Capítulo 3 – A passagem

Desde os primórdios do tempo o ser humano é forçado a transpor dificuldades para conseguir atingir um propósito, um objetivo. Pontes simbolizam uma fase de passagem nas decisões que se transpõem a uma nova percepção. Pontes traduzem-se por percursos e passagens. Tem por isso a atribuição de ligar, não obstante, extremidades de intrincada passagem, como um oceano, um abismo, um vale, um rio, enfim, diversos obstáculos erigidos pela natureza ou pelo próprio ser humano. Nos tempos cibernéticos, as pontes prestam-se para unir duas redes perceptíveis autorizando a participação e a transmissão entre elas.

A palavra *Ponte* provém do Latim *Pons* que por sua vez descende do Etrusco *Pont*, que significa "estrada". Em grego (Póntos), derive talvez da raiz *Pent* que significa uma ação de caminhar.<sup>36</sup>

Uma profunda luta da educação brasileira é conseguir transpor a conexão entre o tradicional e o inovador, entre o modismo e o cultural, entre a escola e a sociedade. O educador português Pacheco alerta: “O fosso entre a teoria e a prática mantém-se, ou aprofunda-se. A Escola agoniza.”<sup>37</sup> Desse modo é essencial promover a ponte do diálogo entre essas extremidades. Fazer a Ponte é buscar gerar uma incessante e contínua permuta de experiências, vivências e conhecimentos com os articuladores socializando seus axiomas. O português Antônio Nóvoa, historiador da Educação e reitor da Universidade de Lisboa, (Apud CANÁRIO, 2004, p. 59) transcreve: “Julio Cortazar escreve que uma ponte só é verdadeiramente uma ponte quando alguém a atravessa.” A ponte, efetivamente, possui dois ângulos, duas direções, e a junção desses pontos leva a vida a possuir um propósito, nem

---

36 WIKIPÉDIA. *Ponte*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte> . Acesso em: 10 abr. 2011.

37 PT, Educare. *Por que não existe o Nobel da Educação?* Disponível em:

<http://www.educare.pt/educare/Opinio.Artigo.aspx?contentid=05C1E48A59374D3BB9DCBB90394FE8D5&opel=2&channelid=0> . Acesso em: 10 abr. 2011.

que seja construindo por pequenas ações. “Em educação, as grandes metas são alcançadas em pequenos passos”<sup>38</sup>, afirma o professor Pacheco.

As passagens não são simples ou únicas assim como as criaturas não são previsíveis. No momento em que se intenta traçar um curso - atalho - essencial será planejar o caminho, delineando um plano de registro ainda que os rumos ignorados sejam executados ao caminhar. Em seguida, será indispensável estar cuidadoso a indícios, anúncios alastrados na superabundância dos trajetos. Os caminhos tradicionais nem todo o tempo nos guiam a fados pré-estabelecidos.

Todavia, o modo tradicional perpetua-se como inalterável e inquestionável. O professor Pacheco examina: “Séries, aulas, horários uniformes, currículos segmentados em anos e ciclos. Mais data show, menos giz: em pleno século XXI, a escola mantém-se tributária de necessidades sociais do século XIX.”<sup>39</sup> Copiamos um modo que provou ser eficiente nos séculos remotos, no entanto se verteu antiquado e sentencia ao insucesso contínuas formações de estudantes e educadores. As instituições escolares conservam-se concentradas, acostumadas, segundo Pacheco, num modelo jesuítico que penetrou bem fundo.<sup>40</sup> Os educadores continuam subordinados a estéreis normas de política educativa ou no engano da recente novidade educativa.

As transformações são demasiado vagarosas. Diz o idealizador da Escola da Ponte que para grandes metas, pequenos passos.<sup>41</sup> Por sinal esta instituição poderá ser fonte de inspiração e de consulta em razão de comprovar que o sonho é vivenciado e poderá sê-lo de múltiplas maneiras. Visto que é em cima do tradicional que se arquiteta a renovação e não em cima do vago, por obstinação ou por modismo pedagógico.

---

38 Fala de José Pacheco no I Congresso Nacional de Educação, julho 2009, em Ubatuba / SP.

39 EDUCAÇÃO, Revista. Bem pelo contrário!... Disponível em:

<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=11531> . Acesso em: 10 abr. 2011.

40 PACHECO, José. *Entre margens*. p. 7. Disponível em: <http://api.ning.com/files/Xx-50X7IcmCwVC-LXUby23p47S0k6wsVAeWVGZICSHkDkEMGvQhokSNlPnZzXPUswzR-vajHO9t30K2uOdZAxps3wvC0tt0-/PachecoEntremargens.pdf> . p. 7. Acesso: em 10 abr. 2011.

41 PACHECO, José. *Aos RC*. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/aos-rc-jose-pacheco> . Acesso: em 10 abr. 2011.

41 PACHECO, José. *Aos RC*. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/aos-rc-jose-pacheco> . Acesso em: 21 abr. 2011.

O projeto da referida escola portuguesa é, de alguma maneira, um projeto de várias fontes.

Na Ponte, houve o bom senso de não adotar um só modelo, de aplicar uma só teoria. Não somos “fundamentalistas”. A nossa proposta vai beber em múltiplos contributos de muitos pedagogos e correntes. O que fazemos foi adaptar esses contributos ao espaço e ao tempo que é nosso. E, neste sentido, se nada inventamos na Ponte, provamos que a utopia é realizável e que uma escola pública para todos não é incompatível com a excelência acadêmica.<sup>42</sup>

A passagem entre variadas metodologias cria efetivamente rompimentos graves e de gastos. Mesmo assim é necessário modificar a estrutura da escola, examinar maneiras de proceder preponderantes. É praxe, em nosso país, as práticas alternativas, ou que destoam da normalidade, serem encaradas como apenas genuínos assuntos de saber, ver e desejar desvendar, nem sempre de modo científico, ou ainda, mais grave, ser mira para criticar, rebaixar, enfraquecer ao invés de serem *locus* de pesquisa e princípios de sugestão, de forças inspiradoras para a transformação.

### **3. 1 – A transição**

A escola encontra-se numa crise de legitimidade. Assim, o professor Julio Groppa Aquino (AQUINO e SAYÃO, 2004, p. 71) provoca: “o conhecimento vem sendo encarado como donativo.” Nesse último decênio já não é mais o exclusivo espaço de aprendizagem e de produção de conhecimento, apesar de ser para alguns o único lugar em que terão a convivência com uma cultura formal de vida.

Ao examinar minuciosamente a expansão gradual histórica da noção de escola e educação, fica evidente a inevitabilidade de definir novamente o

---

42 PACHECO, José. *Ponte para novos rumos*. Disponível em:

[http://www.usc.br/assecom/not\\_771\\_pacheco.htm](http://www.usc.br/assecom/not_771_pacheco.htm) . Acesso em: 21 abr. 2011.

espaço e o tempo de aprendizagem, com intenção de favorecer o progresso de sujeitos autônomos em uma ligação distinta com o conhecimento.

A sala de aula como espaço e a turma como escala são as duas rupturas necessárias. E como é que essas duas rupturas vêm sendo tentadas? No século XX, os professores aprenderam a colocar os alunos em grupos. Dividem a turma em quatro, cinco grupo – que é o que cabe em volta de uma fogueira, de uma pequena fogueira. É isso aí. Para conversar em cima de uma mesa de reunião. Então, eles dividem os alunos em grupos. Essa foi a maneira encontrada no século XX de romper com a turma, mas mantendo a sala de aula como espaço. (COSTA, 2004, p. 38).

Como desmembrar-se da escola que perpetua, para a escola que apeteçemos?

Qual o desafio da *escola sem sala de aula*? É romper com a turma como escala e romper com a sala de aula como espaço. Podemos imaginar a *escola sem sala de aula*, uma escola em que quebraríamos as paredes e aquele espaço viraria um grande salão. Nesse salão, haveria mesas redondas de doze lugares. Os alunos deveriam estar organizados em times de onze. Um lugar ficaria vago para o professor, o consultor, chegar e ajudar aquele grupo. E o grupo teria de procurar e construir conhecimento. Com base nas informações encontradas, eles construiriam um novo conhecimento, que seria demandado. Como esse novo conhecimento seria demandado? Por guias de aprendizagem, que seriam como um desafio. Suponho que seria necessário ter na escola alguma coisa similar a um auditório. Esse espaço seria destinado a um momento coletivo para os professores explicarem aos alunos o uso do guia de aprendizagem.<sup>43</sup> Depois eles sairiam em grupos, times ou equipes que iriam realizar as tarefas. Os professores teriam de ser o suporte dos alunos. Essa é uma ruptura necessária, enquanto não ocorrer... (IBID, p. 38 - 39).

---

43 Roteiros de estudos empregados para tornar fácil o aprendizado, organizados de modo temático, num panorama interdisciplinar consentindo a cada estudante seguir no seu próprio ritmo.

### 3. 2 – Precursor brasileiro

Não existem escolas-modelos, porém existem alusões que poderão ser obtidas nesse empreendimento como em tantos outros sem renome, construídos, cuja permuta torna-se urgente transitar.

Em 2003, o Ministério da Educação de Portugal encomendou a uma equipe da Universidade de Coimbra uma avaliação da Escola da Ponte. (...) Concluíram que a fundamentação teórica da Escola da Ponte, é baseada na educação libertária de Tolstói, Dewey, Goldstine, Edgar Morin, entre outros. <sup>44</sup>

A Escola da Ponte, através de seu mentor José Pacheco, um cidadão de base socialista, na melhor interpretação do sentido, comprometido com a liberdade, com a solidariedade e com a justiça, leal à utopia de uma sociedade em que exista lugar para todos, extraiu de cada metodologia o que esta contém de melhor - foram aproveitadas experiências e teorias de Paulo Freire, Piaget, Dewey, Montessori, Ferrer, Neil, Carl Rogers, Vigostky, Stenhouse, Agostinho da Silva, Rudolph Steiner, Freinet <sup>45</sup> - em relação a que se atribui ao objetivo de conduzir a convivência dos seres humanos a mais democrática e igualitária que lhe for praticável.

O essencial seria que o Brasil compreendesse que não precisa ir ao estrangeiro procurar as suas soluções. Esse é outro absurdo. Quais são hoje os autores que influenciam as escolas? Vygotsky, Piaget? Não vejo um brasileiro. Mas podem dizer: “E Paulo Freire?”. Não vejo Paulo Freire em nenhuma sala de aula. Fala-se, mas não se faz. <sup>46</sup>

Habitualmente o professor cita em suas palestras que os educadores brasileiros devem deixar de nortear e começar a “sulear”, ou seja, devem findar a direção aos “fósseis”, provoca, ao dirigir-se aos autores estrangeiros

---

44 BRASIL, Instituto Inclusão. *Escola da Ponte – história e trajetória*. Disponível em: <http://inclusaobrasil.blogspot.com/2009/07/marina-s.html> . Acesso em: 22 abr. 2011.

45 CULTURAL, Itaú. *Escola da Ponte*. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd\\_pagina=2132&cd\\_materia=1123](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2132&cd_materia=1123) . Acesso em: 22 abr. 2011.

46 EDUCAÇÃO, UOL. *Trabalho há mais de 30 anos com escola que não tem aula, série e prova, e dá certo, diz educador português*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/06/30/ult105u8320.jhtm> . Acesso em: 22 abr. 2011.

européus, e resgatar a dívida com os educadores brasileiros desconhecidos das citações acadêmicas.

Identifiquei, nos últimos anos, autores brasileiros da maior importância que o Brasil desconhece. Esse é o outro absurdo. Quem é que ouviu falar de Eurípedes Barsanulfo? De Tomás Novelino? De Agostinho da Silva? Ninguém fala deles. Como um país como este, que tem os maiores educadores que eu já conheci, não quer saber deles nem os conhece? <sup>47</sup>

O Brasil não é desprovido de grandes experiências educativas, como se pode averiguar o que ocorreu a um século, em pleno Triângulo Mineiro, quando o colégio Allan Kardec tornou-se uma genuína referência no campo da educação.

Em 1907, o Brasil teve aquilo que eu considero o projeto educacional mais avançado do século 20. Se eu perguntar a cem educadores brasileiros, 99 não conhecem. Era em Sacramento, Minas Gerais, mas agora já não existe. O autor foi Eurípedes Barsanulfo, que morreu em 1918 com a gripe espanhola. Este foi, para mim, o projeto mais arrojado do século 20, no mundo. <sup>48</sup>

O referido colégio tornou-se renomado em todo o país tanto é que as matrículas terminavam no primeiro dia, tal a busca de estudantes, constringendo uma outra instituição da mesma área, administrada por freiras da Ordem de S. Francisco, a fechar as portas por falta de alunos. Do mesmo modo oposto às escolas extremamente de elite, o ensino era gratuito, constituído por turmas mistas, tudo muito singular naquele período.

Na época, era proibida a educação de moços e moças juntos. Só durante o governo Getúlio Vargas é que se pôde juntar os dois gêneros nos colégios. Ele [Barsanulfo] fez isso. Ele tinha pesquisa na natureza. Tinha astronomia no currículo oficial. Não tinha série nem turma nem aula nem prova. E os alunos desse liceu foram a elite de seu tempo. Tomás Novelino foi um deles e Roberto Crema, que hoje está aí com a educação holística global, foi aluno de Novelino. <sup>49</sup>

Eurípedes Barsanulfo introduziu um novo modelo de educação, antecipou a muitos na criação de um espaço educacional revolucionário que,

---

47 lb. ibid.

48 lb. ibid.

49 lb. ibid..

em absoluto, sequer ajustava-se com o sistema tradicional da época. Ele estabeleceu uma metodologia sem notas, punição ou prêmio, era um ensino ativo com a participação dos estudantes, fato absolutamente diferenciado para aqueles tempos. O interessante que este professor mineiro propôs foi ter descerrado uma instituição totalmente contrária aos modelos da época na qual havia uma convivência de reciprocidade entre os educadores e os estudantes.

Digo isso para que o brasileiro tenha amor próprio, compreenda aquilo que tem para que não importe do estrangeiro aquilo que não precisa. É um absurdo ter tudo aqui dentro e ir pegar lá fora.<sup>50</sup>

### **3.3 – “Eterna novidade no mundo”**

E por citar as Minas Gerais, nada melhor como recorrer ao memorável escritor mineiro João Guimarães Rosa quando anuncia, em outras palavras, que o que tem importância não é nem o ato de partir, nem o ato de chegar, mas sim o ato de atravessar. Educação tampouco é o ontem ou visa somente o amanhã, é processo, é caminhada. O educador, psicanalista, teólogo e escritor, Rubem Alves (2003, p. 52) salienta: “Caminha-se pensando junto.”

Todo educador deveria ensinar às pessoas a tese do arco-e-flecha: você mira sua flecha no futuro, mas tem que puxar seu arco do passado. O nosso passado nos dá energia, mas temos de olhar o futuro. (DIMENSTEIN, 2004, p. 94).

Como o renomado jornalista Gilberto Dimenstein (2003, p. 31) diz: “Só existe um motor do aprendizado: paixão e curiosidade. E muito do que a escola faz é matar a idéia da paixão pela curiosidade.” As escolas têm o direito de serem locais de “gestão de curiosidades” (Idem, p. 46) se não, opostamente, não são funcionais. Se o gosto muito vivo por alguma coisa não for o mote das escolas, estas servirão para pouco.

---

50 lb. ibid.

A idéia que tenho é que a redação de um jornal vai ter de ser uma sala de aula e a sala de aula vai ter de ser uma espécie de redação de jornal, em que as informações vão chegando, você vai traduzindo e depois vai explicando. Acho que a escola do futuro, de verdade, que faz do presente sua grande matéria-prima, é aquela que vai misturar a redação de jornal com a sala de aula e será uma grande casa de dúvidas, de curiosidades, de sonhos. (IBID, 2003, p. 62).

As escolas unicamente exercerão a sua função se forem ambientes de experimentar, de desejo de desvendar e que os educadores somente executarão seus movimentos se forem gestores de experimentação, de saber ou ver. Rubem Alves (2003, p. 48) anuncia: “Quem tem alma de educador – quem ama ser educador – quer ser educador sempre...” No entanto, Dimenstein (IBID, p.65 – 66) argumenta: “O professor não se sente um aprendiz há mais tempo. E como não acredita nele como um aprendiz, também não acredita no estudante. Geralmente, o professor não é um curioso.”

Há um pesquisador brasileiro do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), o Paulo Blikstein, que disse que um dos problemas do aprendizado é que o aluno não vê o professor aprendendo. Na verdade, o professor, teoricamente, ensina, mas não se mostrando aprendendo. Então, o aluno não tem o exemplo moral do professor aprendiz. (DIMENSTEIN, 2003, p. 49).

Rubem Alves (2003, p. 50) alega que: “aprende-se no ato de aprender”, ou seja, a ação de existir é a ação de encontrar o decorrido no tempo atual e o que está para ser ou acontecer no tempo presente. E complementando o raciocínio, um amigo do Gilberto Dimenstein (IBID, p. 73), José Carlos Teixeira asseverou que: “educar para o presente é fazer com que o aluno viaje para o futuro, porque, assim, quando ele voltar para o presente com a memória do futuro, a vida dele vai ter significado.”

Na verdade, eu diria (isso é coisa de psicanálise): só existe o presente. Existe o passado, mas o passado só é real quando tem um lugar no presente. Porque somente assim ele engravida o presente. O futuro existe? Pode existir. Não sei como vai ser, mas pela fantasia ele se torna presente. E é justamente aí que surge a esperança, não é? Esperança, que é um negócio tão importante para a tradição de todo o mundo. Porque é justamente quando você é possuído por uma imagem, por uma estrela do futuro. Mas só que ela não é futuro: ela é uma coisa que está no seu presente. (ALVES, 2003, p. 73).

O papel do educador é oferecer gratuitamente raízes para conhecer de onde o educando surge e asas para ele ter a possibilidade de elevar-se nos ares, afinal segundo o escritor Julio Groppa Aquino (2004, p. 74 - 79): “um professor de fato muda vidas, altera rotas existenciais. [...] Por essa razão, o trabalho docente é exercício de apreço à condição humana.” Se o educando possuir as raízes e as asas, sem cessar, irá fazer da existência uma ação criadora. Irá conseguir voar, porém será capaz de distinguir igualmente que a flecha tem força de retornar à casa familiar em qualquer ocasião oportuna, em razão de o sujeito possuir uma mãe, um pai, uma realidade histórica.

Cabe, então, pensar com maturidade, em que medida o pretérito de um aprendiz delimita sua posição no tempo presente. Na ocasião que o aprendiz apresenta um plano de vida, na ocasião em que é um ente em vir-a-ser, tal postura é mais relevante no seu comportamento atual do que o passado. Desse modo, ele aprende a buscar e aprender ligeiramente, quer dizer aprende, como refere Ricardo Semler (2004, p. 102): “a buscar sua própria informação, autogerindo sua disciplina, usando a internet, convivendo com tantos livros e mestres.”

### **3. 4 – Seguimento e renovação**

Nos últimos decênios, as sugestões para os desafios educacionais não diminuíram. As escolas que têm mudado as emendas e não o oposto; somente é viável alterar as escolas com os educadores e não em oposição a eles. É praticável e inevitável aprender a tomar conhecimento com o que as instituições escolares produzem de positivo e de negativo.

A experiência da Escola da Ponte fornece-nos elementos para que outras escolas possam percorrer esse caminho. Ensina-nos também que as mudanças nos modos de organizar o trabalho escolar têm de abranger simultaneamente os professores e os alunos, os quais estão condenados a ser aliados. (CANÁRIO, 2004, p. 31).

O tempo de duração dessas mudanças é vagaroso, contudo com objetividade efetua-se de maneira estável, sólida, e não superficial ou transitória, como é comum. Nessa perspectiva há escolas que se organizam a partir da produção dos alunos que, não sendo apreciados nem como “clientes nem matéria-prima”, são considerados como “crianças que estão aprendendo a ser gente.” O interesse e a apreciação só serão possíveis se a produção escolar puder ser vivida “como uma expressão de si, ou seja, como uma obra.” A separação que vai do agastamento ao prazer, na produção escolar, é a extensão que divide “a escola linha de montagem da escola feita projeto coletivo, em que todos são produtores de saberes.” (CANÁRIO, 2004, p. 23).

Hoje em dia, muitas vezes queremos forçar as crianças a conhecer coisas que não deveriam ou não precisariam saber ainda. Coisas que a vida ensinará de qualquer modo. Na contemporaneidade, padecemos de uma urgência pedagógica sem razão. (SAYÃO e AQUINO, 2004, p. 25).

O clima de restauração constante nos últimos anos não tem sido propício ao refletir, ao experimento e ao descobrimento de alternativas ao modelo educativo tradicional. Tal ambiente não tem propiciado momentos para refletir sobre assuntos que possam realizar o próprio programa educativo das escolas e dos envolvidos locais. Julio Groppa (2004, p. 93) alerta: “O que acontece no cotidiano escolar tem de ser tomado como objeto de instigação do pensamento.”

Têm sido essa uma das pechas do debate sobre educação: a frase feita, o gesto fácil, a solução pronta-a-servir, a banalidade transformada em eloquência em vez do estudo persistente, da reflexão sobre as experiências concretas, da análise sistemática e informada. (NÓVOA apud CANÁRIO, 2004, p. 52).

Os professores vivem cada vez mais sobrecarregados de trabalho, perdendo o interesse em aprofundar-se nos assuntos pertinentes à reflexão pedagógica, ou mirando-se sem possibilidades, muitas vezes, de desempenharem uma posição de reflexão e criticidade sobre os embaraços e as ocasiões favoráveis de sua atividade profissional. Ricardo Semler (2004, p.

48) salienta: “O condicionamento escolar impede que as pessoas usem da liberdade e da autonomia com facilidade.”

A categoria docente tem uma facilidade enorme de aderir a determinados chavões, lugares-comuns, às tais crenças performativas de que eu falava. Um exemplo disso é a convicção de que grande parte dos problemas que enfrentamos nas escolas se deve à famigerada desestruturação das famílias. Esse é um clichê pernicioso, mas repetido por nove entre dez profissionais da educação brasileira. Em suma, não enfrentamos as questões éticas do ofício e, talvez por isso, acabamos reproduzindo o que há de mais mesquinho na profissão. (SAYÃO e AQUINO, 2004, p. 60).

Os assuntos das circunstâncias das emendas educacionais tendem, desse modo, a serem considerados numa perspectiva de aumento – mais obrigações, mais matérias, mais reuniões, mais estudos – e de distanciamento relativo aos percursos de alteração – a alteração é o que os governamentais administrativos decretam e ordenam – e não como uma condição de reforma do próprio trabalho de todos os dias. Antonio Carlos Gomes da Costa (Et al, 2004, p. 59) frisa: “Os professores não têm nem as habilidades de gestão de trabalhar em grupo, de fazer um planejamento em conjunto, porque isso não foi ensinado.”

Não legando tempo aos educadores, aos educandos, aos familiares e a outros funcionários envolvidos para a consideração atenta sobre o que efetivamente é essencial alterar nas instituições escolares – “Como faço do ato de viver, do ato de sentir, o ato de aprender?” (DIMENSTEIN, 2003, p. 34) Que espécie de criatura pretende-se educar? Para qual convivência? - o meio de restauração constante tem sido, dessa maneira, mais propício à ocorrência de um pensamento fatalista e resignado do que à ação autônoma e reflexiva.<sup>51</sup> Enfim, os educadores têm mostrado uma extraordinária incredulidade em ligação às capacidades de reforma das escolas, nos seus semblantes mais significativos. Haja vista, segundo afirma Julio Groppa Aquino (2004, p. 102 - 109): “o conhecimento é, talvez, a única arma que se tem para combater os

---

51 SCIELO, Brasil. *Revista Brasileira de Educação. Reformas Educativas, formação e subjectividades dos professores*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000200004&script=sci_arttext) . Acesso em: 23 abr. 2011.

revezes da vida. [...] é a única herança que se pode deixar aos que ainda virão.”

É impossível acompanhar todos os conhecimentos. Por isso, é inútil armazenar conhecimentos que vão estar velhos dentro de dois anos. É no momento que sou desafiado que devo procurar o conhecimento e não simplesmente um arquivo que eu trago comigo. Essa coisa de aprender a procurar. Os professores ensinam saberes. (ALVES, 2003, p. 80 - 81).

Manifestam-se, atualmente, várias controvérsias sobre: que tipo de pessoa se quer formar? Para qual modelo de sociedade? Qual a visão de conhecimento relevante diante do mundo contemporâneo com as ligeiras mudanças tecnológicas? Com a grande quantidade de notícia e informação que não se consegue assimilar? Com os meios de comunicação que arrasam desumanamente a mente das crianças e dos jovens?

Antônio Nóvoa (2004, p. 51) exprime com vigor: “Não encontraremos, [...], respostas para os problemas de hoje, pois os tempos mudam estruturas e recolocam as questões em contextos diferentes.” Cabe, então, empregar as contrariedades para adquirir crescimento, aprendendo com os contratempos, esforçar-se para a travessia, afinal os seres que ousam, originam acertos. É suficiente, segundo o pensamento de autoria desconhecida: Uma ponte não atravessada é como uma vida não vivida.

Como conseguir que as famílias e as comunidades sintam que a escola lhes pertence sem que, ao mesmo tempo, fechem os seus filhos numa escola à parte? Como conseguir que a educação responda aos anseios e aos desejos de cada um sem que, ao mesmo tempo, renuncie à integração de todos numa cultura partilhada? (NÓVOA apud CANÁRIO, 2004, p. 55).

### **3. 5 – É tempo de travessia**

Por isso, produzir um ambiente escolar é um percurso demorado, que requer perseverança e decisão, método e uma extraordinária devoção.

Nenhuma coisa se obtêm sem entendimento, intelecto e perceptibilidade, clareza, sem conversação e colaboração. Produzir uma instituição escolar é arquitetar uma história, delinear uma identidade, descobrir um significado para o ânimo de instruir. Produzir uma escola é ser hábil de prosseguir, por muito tempo, um trabalho que não é reconhecido, ou sequer é valorizado socialmente e, inclusive, até vira mira de crítica gratuita. Produzir um local de ensino é recusar os rumos da comodidade, os programas feitos, o imediatismo de uma sociedade que tudo anseia em reduzir a exibição. Produzir educação requer não ficar parado com pensamentos cristalizados. Julio Aquino (2004, p. 110) exprime: “A vida é construção e desconstrução até o último momento.”

Nessa mudança radical reside o poder de atração da experiência da Ponte mas, simultaneamente também, os temores que inspira. Daí que a admiração, por vezes reverente, possa ser concomitantemente com a idéia de que se trata de algo excepcional e que não pode constituir um referente para as restantes escolas. (CANÁRIO, 2004, p. 29).

Nessa direção de transformação, é oportuno recorrer ao pensamento do educador e mestre, José Pacheco, condecorado pelo Presidente da República, com o grau de Comendador da Ordem da Instituição Pública, como indício manifesto de aprovação ao projeto e à escola.

Uma reforma silenciosa marginal está acontecendo por aí. Os professores que habitam as escolas invisíveis não recebem reconhecimento público. Por vezes, recebem injustiça, mas dão lições de resiliência. São mal-remunerados, mas não usam o baixo salário como álibi. Não auferem de benefícios nem aspiram à celebridade. Fazem milagres com os recursos de que dispõem, que o Brasil não é pobre em recursos humanos, ele desperdiça recursos. Os educadores anônimos que habitam as escolas invisíveis tecem uma rede de fraternidade. Geram esperança, neste Brasil condenado a acreditar que, pela educação, há de chegar a uma cidadania plena. (PACHECO, 2009, contra capa).

Por fim, vale encerrar retomando João Guimarães Rosa:

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? [...] O real não está na saída nem

na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia... (ROSA, 1986, p.13 - 25).

A construção de um outro paradigma educacional requer a conscientização da sociedade em geral, o envolvimento de todos, sem exceção, para garantir a ressignificação da escola como um todo. A formulação de uma outra conexão com o saber, seja dos educandos ou dos educadores há de ser construída em conjunto, numa travessia autônoma, dinâmica e democrática.

## Considerações finais

Através desta pesquisa foi possível verificar até que ponto é necessário haver sala de aula nas escolas. A conclusão da mesma não se encerra nessas linhas. Nossa sociedade está adaptada ao sistema escolar, sendo incapaz de suportar a educação a não ser de acordo com o padrão tradicional. Esta produção é unicamente um convite a todos os educadores interessados, que lidam diretamente com a formação educacional de crianças e jovens, a repensar sobre a própria prática docente, ou seja, a intenção dessas páginas é somente ser **ponte que indica**, e que serve em **pôr-se a caminho** de uma escola que se almeja e se pode conceber.

Este trabalho pôde averiguar o quanto o sistema educacional está atravessando um momento crítico, e se está arriscado a sumir como norma social é pelo motivo do modelo educativo ser hoje idêntico no seu todo. A situação aflitiva atual do ensino, as apreciações desfavoráveis muitas vezes agravantes feitas aos modelos educativos podem ser traduzidas como término de um padrão, o padrão tradicional, ou como término de uma supremacia de sistema educacional.

Nos ambientes escolares a competição fútil é encorajada a partir das séries iniciais, estimula-se a promoção individual e desfigura-se a noção de coletividade empregando grupos que nada mais são do que uma escolha natural induzida. Enquanto o aspecto racional é demasiadamente enaltecido pela escola, os aspectos emocional, corporal e espiritual são descuidados, sendo necessário completamente menosprezados. A trajetória da instituição escolar está cheia de debate de idéias, de controvérsias e posturas extremistas, o que faz com que a escola esteja todo o tempo em momento crítico. No entanto, o momento não é unicamente de críticas, massim de construção.

É notório que a maneira de proceder na educação prossegue a mesma com escolas dirigidas pelo currículo e provas tradicionais, não obstante o discurso renovador de uma pedagogia moderna. Mantêm-se aulas de cinqüenta minutos, vestígio do começo do século XX em que os estudantes

conseguiam manter a atenção por esse tempo citado, no entanto, atualmente o período de concentração dos alunos varia de cinco a sete minutos – tempo gasto diante de uma tela de televisão entre os programas e as propagandas.

Ao longo do texto procurou-se demonstrar o quanto a perda de tempo em uma aula igualmente é questionável. Pelo jeito de aula que se faz uma parcela dos estudantes não possui condições de entender o que se passa porque lhe faltam os pré-requisitos e se devaneia. Há outra parte de alunos que estão mais informados do que o educador está falando e, do mesmo modo, se dispersa. Ainda há os que seguem a fala, porém nem todos compreendem o que o professor explica.

Aula em sala de aula poderia soar como redundância por estarmos habituados a freqüentar as salas de aula para assistir aulas. Contudo, não é o único modelo onde flui o ensino-aprendizagem. A sala de aula, em si, é uma manifestação de há pouco tempo considerando a trajetória da natureza humana, porém aulas se perpetuam há séculos a começar da relação entre educador e educando.

O grande engano do padrão citado como tradicional é imaginar um estudante meio-termo e para esse fictício aluno do sistema educacional gerar planos, atividades, modelos de aula e prova, lecionando para toda classe como se só um houvesse e importasse. Se não consta na história da educação nenhuma fundamentação teórica para que haja, por exemplo, séries, por qual motivo elas permanecem? Como compreender que possa haver ensino e aprendizagem quando se estabelecem para todos os alunos modelos exclusivos de tempo e um único período?

Conquanto, em teoria, se anuncia que a educação requerida às transformações de nossa época não se fundamenta nessas disposições, e que seja uma educação democrática que considere a liberdade e a autogestão do conhecimento, na maneira de proceder as aulas ainda são segmentadas, as instalações físicas obedecem a mesma divisão de salas por séries, as provas seguem os mesmos moldes. É notório enfatizar que o decurso de ensino-aprendizagem não se sucede exclusivamente na escola, pelo contrário o conhecimento é organizado e reorganizado a partir das experiências que o sujeito experimenta e essa interação com o meio é de grande importância para ele se desenvolver.

Um outro ponto fundamental observado foi a questão que a escola revela e exprime a falta de humanização produzida por um padrão injusto que concorre para produzir ou reproduzir falta de eficácia e reprovação. Por que não reconquistamos a idéia grega de formação total do sujeito que abrange diversas áreas? Por que não dar liberdade ao educando da severidade de ambientes tradicionais e realçar meios de socialização e de transformação num sujeito social que defronta experiências de vida e as torna a elaborar? Goza de liberdade aquele que bem vincula inteligência / emoção / corpo / alma, de modo cômico, veemente e que consegue criar relações sociais salutares que irão lhe oferecer bem-estar, contentamento.

No ensino tradicional, muitas vezes o estudante é forçado a estudar aquilo que não interessa. Isto o deixa perder o estímulo e o deixa moroso em cumprir com a tarefa da escola, visto que a realidade o clama para um rumo mais prazeroso e interessante. Tal situação aparece freqüentemente nas instituições escolares que são forçadas a executar um planejamento que passa por cima daquilo que o aluno está vivenciando. O processo ensino-aprendizagem não tem por obrigação ser algo imposto e incômodo, pode ser algo natural.

Esta monografia se dispôs a investigar e expor como na Escola da Ponte, em Portugal, trabalhou-se durante muitos anos na clandestinidade para assegurar e manter a experiência de organizar um espaço no qual não houvessem séries segregadas por idade, escolaridade, muito menos um local fixo ou sala de aula. O mais relevante que se ensina é justamente a valorização desse espaço. Nas escolas brasileiras verifica-se o oposto: salas separadas, e assim se transmite a idéia de que a realidade é repleta de espaços estagnados com classes isoladas e organizadas de acordo com uma ordem hierárquica, enfim, se transmite que a vida é constituída de conjuntos de pessoas desligadas, uns acima dos outros.

Resultado previsto é a exacerbada competição entre as classes, rivalidade que chega à força, à discriminação. Os assuntos são passados em períodos estabelecidos, numa seqüência pré-estabelecida, ou seja, o que se faz é passar os conteúdos divididos, parados, distantes da atualidade, por isso que os estudantes têm dificuldade de associar as informações.

Na Escola da Ponte os estudantes lidam com um mesmo espaço, compartilhado por todos, sem divisão de séries, sem sinal tocando para estabelecer o término de uma aula e o começo de outra. A mensagem educativa aprendida é que todos partilham de um mesmo espaço. Menores e maiores são camaradas numa mesma aprendizagem. Todos se auxiliam. Não há disputa por alguma premiação. Há solidariedade. À regularidade da existência os conhecimentos da vida não acompanham os currículos.

Na escola portuguesa o ensino não é dirigido para o vestibular e termos como indisciplina, desavença e ciúme verteram-se ociosos naquele contexto. A meta mais importante daquele local de ensino é garantir um ambiente que consiga tornar o educando animado, cooperativo e com autonomia.

No ensino tradicional, o currículo envolve apenas uma dimensão, apenas a razão, o conteúdo é exaltado. Na Escola da Ponte, o currículo possui interdimensão, ou seja, aspira a mirar as potências do desejo e do sentimento. Afinal, o que se quer conceber é um estudante espontâneo, que possa aprender por experiência própria, ser autônomo, cômico e, o mais importante, que atue.

A pesquisa buscou discriminar que também na EMEF Escola Amorim Lima, Butantã, São Paulo, Brasil, tem-se como ponto de partida que qualquer espaço pode se empregar como local de ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem não é necessária que aconteça no interior de um ambiente reduzido, como é a sala de aula.

Nos meios educacionais há resistências espantosas a entender que não é exclusivamente necessário possuir sala de aula nas escolas. Como ensinar sobre liberdade, confiança em si mesmo, domínio dos seus próprios impulsos, emoções e paixões num modelo em que mais de trinta alunos permanecem num turno completo sentados em carteiras incômodas, forçados a reter na memória cada vez mais informações sem, todavia, usufruir das possibilidades para pôr em prática o que aprenderam?

Inegavelmente, sabe-se que a forma de educar nas escolas necessita ser alterada e que seus horizontes devem ser ampliados. Repensar a escola sem sala de aula não poder ser analisada como uma prerrogativa de incrementar e / ou ser considerada como raridade. Há muito a se fazer, são poucas as instituições escolares, não é o maior número que vai se modificar.

Nesse sentido, a última etapa da pesquisa encerra provocando uma reflexão: quem irá propor novas bases aos professores? Será uma pequena parcela de profissionais engajados com a excelência da educação, encorajados pela convicção de revisar totalmente o conceito de escola e de corrigir a forma sistemática de transmitir conhecimento. São os professores que, sem demora possuem, profundamente, o propósito de sua incumbência, de seu compromisso.

Como reflexão final importa chamar a atenção para a necessidade pertinente de questionar: como reformular a instituição escolar sem mudar a sociedade, porém como mudar a sociedade sem reformular a instituição escolar? Indubitavelmente permanece uma relação entre a sociedade e a escola – uma surge a outra – seja qual for a mediação que altere qualquer um de seus modos tem por finalidade incitar uma mudança na maneira de ser na outra.

Ao encerrar o presente trabalho, cabe um registro, ainda, sobre a importância do quanto é necessário ser capaz de principiar, e o princípio só pode ser desviando a direção desse paradigma caído em desuso da educação e agindo à margem do padrão unânime educacional.

A restauração da mesma forma iniciará de modo periférico e marginal. Como de praxe, a ação inicial só pode dispor de uma minoria, à primeira vista não é compreendida, ao contrário muitas vezes até acossada. Posteriormente, o sistema filosófico é propagado e, quando se dissemina, torna-se uma causa que gera e acelera movimentos, torna-se uma força atuante. Por fim, o desafio é Fazer a Ponte.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

CANÁRIO, Rui; MATOS, Filomena; TRINDADE, Rui (orgs.). **Escola da Ponte: um outro caminho para a Educação**. Suplegraf, 2004.

\_\_\_\_\_. **Defender a escola pública**. Profedições, 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto e ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PACHECO, José. **Quando eu for grande quero ir à primavera e outras histórias**. SP: Didática Suplegraf, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sozinhos na escola**. SP: Didática Suplegraf, 2003.

\_\_\_\_\_. **Para Alice, com amor**. SP: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para os filhos dos filhos dos nossos filhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para a inclusão**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escola da Ponte**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pequeno dicionário de absurdos em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pequeno dicionário das utopias da educação**. RJ: Wak, 2009.

SAYÃO, Rosely e AQUINO, Julio G. **Em defesa da escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SEMLER, Ricardo; DIMENSTEIN, Gilberto; COSTA, Antonio Carlos Gomes. **Escola sem sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALMEIDA, Alexandra. **Perfil: A diretora da escola sem paredes**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u908.shtml> . Acesso em: 06 mar. 2011 e 20 mar. 2011.

AQUINO, Júlio Groppa. **Da construção de uma escola democrática: A experiência da EMEF Amorim Lima**. Disponível em: [http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs\\_revistas/eccos/eccos\\_v6n2/eccosv6n2\\_juliogroppa\\_roselysayao.pdf](http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v6n2/eccosv6n2_juliogroppa_roselysayao.pdf) . Acesso em: 06 mar. 2011 e 08 mar. 2011.

ATUAL, Redação do Jornal Brasil. **Revolução na escola se faz com o apoio de pais e mestres**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/jornais/jba-sao-paulo/revolucao-na-escola-se-faz-com-o-apoio-de-pais-e-mestres> . Acesso em: 20 mar. 2011.

BARROSO, Juliana. **Projeto em escola pública demonstra que ensinar pode ser diferente**. Disponível em: [http://wwweducacaoespoz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que\\_07.html](http://wwweducacaoespoz.blogspot.com/2009/05/projeto-em-escola-publica-demonstra-que_07.html) . Acesso em: 06 mar. 2011; 08 mar. 2011 e 14 mar. 2011.

BRASIL, Instituto Inclusão. **Escola da Ponte** – história e trajetória. Disponível em: <http://inclusaobrasil.blogspot.com/2009/07/marina-s.html> . Acesso em: 22 abr. 2011.

CAPITAL, Carta. **A importância da educação**. Disponível em: [www.cartacapital.com.br/sociedade/a-importancia-da-educacao](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-importancia-da-educacao). Acesso em: 04 jan. 2011.

CASIMIRO, Vítor. **Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal**. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0043.asp> . Acesso em: 28 jan. 2011.

CHAVES, Eduardo. **Uma nova Educação**. Disponível em: <http://newed.net/>. Acesso em: 04 jan2011.

COSTA, Carolina. **O Brasil descobre Portugal**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAACPsAG/escola-ponte>. Acesso em: 28 jan. 2011.

CONSPIRADORES, Românticos. **Sobre os RC**. Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/sobre-o-rc> . Acesso em: 26 mar. 2011.

CULTURAL, Itaú. **Escola da Ponte**. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd\\_pagina=2132&cd\\_materia=1123](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2132&cd_materia=1123) .Acesso em: 22 abr. 2011.

DIAS, Geraldo. **Vila das Aves em livro Aberto**. Disponível em: [http://www.geocaching.com/seek/cache\\_details.aspx?guid=3b035fbc-0236-4eec-9745-5ecf10a171cc](http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=3b035fbc-0236-4eec-9745-5ecf10a171cc) . Acesso em: 04 jan. 2011.

EDUCAÇÃO, Revista. **Bem pelo contrário!...** Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=11531> . Acesso em: 10 abr. 2011.

EDUCAÇÃO, UOL. **Trabalho há mais de 30 anos com escola que não tem aula, série e prova, e dá certo, diz educador português.** Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/06/30/ult105u8320.jhtm> . Acesso em: 22 abr. 2011.

HARTT, Valéria. **O que é democracia na escola?** Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/profiles/blogs/dossie-democracia-na-escola-25> . Acesso em: 14 mar. 2011

LIMA, EMEF Amorim. **História do Desembargador Amorim Lima.** Disponível em: <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Escola+-+Hist%C3%B3ria> . Acesso em: 04 fev. 2011.

LIMA , EMEF Amorim. **Escola desenvolve projeto modelo de resgate cultural.** Disponível em: <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Escola+desenvolve+projeto+modelo+de+resgate+cultural> . Acesso em: 08 mar. 2011.

LIMA, EMEF Amorim. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Projeto%20Pol%C3%ADtico%20Pedag%C3%B3gico> . Acesso em: 20 mar. 2011.

MIM, Portugal em. **Uma viagem no tempo... Vila das Aves.** Disponível em: <http://lucy-natureza.blogspot.com/search/label/Vila%20das%20Aves>. Acesso em: 04 jan. 2011.

PACHECO, José. **Aos RC.** Disponível em: <http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/aos-rc-jose-pacheco> . Acesso em: 04 fev. 2011; . 26 mar. 2011 e 21 abr. 2011.

PACHECO, José. **Entre margens.** Disponível em: <http://api.ning.com/files/Xx-50X7lcmCwVC-LXUby23p47S0k6wsVAeWVGZICSHkDkEMGvQhokSNIpnZzXPUswzR->

[vajHO9t30K2uOdZAxps3wvC0tt0-/PachecoEntremargens.pdf](http://www.usc.br/assecom/not_771_pacheco.htm) . Acesso em: 16 mar. 2011 e 10 abr. 2011.

PACHECO, José. **Ponte para novos rumos**. Disponível em:

[http://www.usc.br/assecom/not\\_771\\_pacheco.htm](http://www.usc.br/assecom/not_771_pacheco.htm) . Acesso em: 21 abr. 2011.

POPULAR, Brasil Almanaque de Cultura. **Ana Elisa Siqueira**. Disponível em:

[http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8104:ana-elisa-siqueira&catid=12954:cultura&Itemid=31](http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8104:ana-elisa-siqueira&catid=12954:cultura&Itemid=31) . Acesso em: 08 mar. 2011.

PT, Educare. **Por que não existe o Nobel da educação?** Disponível em:

<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=05C1E48A59374D3BB9DCBB90394FE8D5&opsele=2&channelid=0> . Acesso em: 10 abr. 2011.

SCIELO, Brasil. **Revista Brasileira de Educação. Reformas Educativas, formação e subjectividades dos professores**.

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000200004&script=sci_arttext) . Acesso em: 23 abr. 2011.

SIQUEIRA, Ana Elisa. **Qualidade Educação**. Disponível em:

<http://www.iea.usp.br/iea/online/midiateca/qualidadeeducacaosiqueira.pdf> .

Acesso em: 26 de fev.; 06 de mar. e 14 mar. 2011.

TAVARES, Mara. **A palestra do professor José Pacheco através dos olhos de uma educadora...** Disponível em:

[http://novopadasanormais.pbworks.com/w/page/9592721/palestra\\_neila](http://novopadasanormais.pbworks.com/w/page/9592721/palestra_neila) .

Acesso em: 28 jan. 2011.

UCHÔA, Cristina. **Escolas comemoram seu dia afinando interação com a comunidade**. Disponível em:

<http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/ConteudoId/e4099a55-320b-434f-aa24-b36690b15722/Default.aspx> .

Acesso em: 26 fev. 2011.

WIKIPÉDIA. **José Pacheco**. Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Pacheco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Pacheco). Acesso em: 28 jan. 2011.

WIKIPÉDIA. **Ponte**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte>. Acesso

em: 10 abr. 2011.